



REFLEXÕES DOUTRINÁRIAS

ALLAN KARDEC

Autor do Livro dos Espíritos, do Livro dos Médiuns
e do Director de la Revue Spirite

Hors

LEONARDO PAIXÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

REFLEXÕES DOUTRINÁRIAS

Leonardo Paixão

2015

REFLEXÕES DOUTRINÁRIAS

Leonardo Paixão

Data da publicação: 18/2/2015

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro
REVISÃO: Eunice de Oliveira Cazetta
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

P172r

Paixão, Leonardo
Reflexões doutrinárias / Leonardo Paixão; revisão:
Eunice de Oliveira Cazetta; capa: Cláudia
Rezende Barbeiro. Londrina, PR. EVOC, 2015.
100p.

1. Espiritismo. 2. Cristianismo. 3. Doutrina
espírita. 4. Mediunidade. 5. Ícaro Redimido –
análise e crítica. 6. Animismo. I. Cazetta, Eunice
de Oliveira. II. Barbeiro, Cláudia Rezende. III.
Título.

CDD 133.9
19.ed.

Índice

- Explicando, 4
1. A Revelação – Uma Perspectiva Histórica, 5
 2. Espiritismo Modernizado?, 8
 3. Restauração do Cristianismo, 11
 4. Provas da Individualidade e independência da Alma após a morte, 18
5. Mediunidade – De Pentecostes aos Nossos Dias, 23
6. Espiritismo: Causa do Espírito, 26
 7. O Apóstolo da Palavra Viva, 30
 8. Movimento Espírita em Campos dos Goytacazes – Uma análise, 34
 9. Futuro dos órgãos de Unificação Espírita, 40
 10. Análise Crítica do livro “Ícaro Redimido”, 46
 11. Pesquisa Espírita – Uma necessidade, 60
 12. Prece: somente um ato religioso?, 64
 13. Imortalidade, 70
 14. Fenômeno Anímico x Fenômeno Mediúnico, 87
 15. Bozzano Responde (?), 91
 16. Os Espíritas e a Consciência Crítica, 98

Explicando

Há muito, desde que nos dedicamos ao estudo da Doutrina quando então contávamos os 16/17 de idade, vimos escrevendo e, após 18 anos, já com um pouco mais de experiência e uma postura madura ante a Doutrina, é que pretendemos publicar nossos escritos. Alguns deles estão no blog: gesemeadoresdapaz.blogspot.com.br, tanto quanto em órgãos como *O Reformador* e jornais eletrônicos como *O Rebate*, através do dedicado espírita Jorge Hessen que me indicou. Esclarecer é a nossa meta. Infelizmente muito ainda nos cabe informar sobre Espiritismo: o que é, quais seus fundamentos, o que não é, pois vemos vários equívocos, apesar do esforço de muitos de isto realizar. Não estamos absolutamente com a verdade, no entanto, é preciso ter bom-senso e olhar crítico para não se misturar espiritualismos e holismos diversos com Doutrina Espírita.

Para tanto, reunimos aqui artigos diversos que escrevemos em momentos diferentes e sobre os mais diversificados temas espíritas, esperando que a alguém possa esclarecer.

Colocado isto, e desejando apenas contribuir com a edificação de um ser humano melhor, estou agradecido a Deus.

Leonardo Paixão
Campos dos Goytacazes, RJ

A Revelação – Uma Perspectiva Histórica

A história da humanidade foi feita de deuses e mistérios; as potências da natureza, tomadas como poderes divinos, desenvolveram-se, pela concepção humana do animismo, para as formas zooantropomórficas e deuses que se intrometiam nos assuntos humanos auxiliando-os ou ajudando-os, como lemos nos clássicos de Homero – A Ilíada e Odisseia. Os deuses passaram a ser menos incomodados com os petítorios dos homens quando a História aparece. Hecateu de Mileto (V a.C.) ao voltar de sua viagem ao Egito diz: “Vou escrever o que acho ser verdade, porque as lendas dos gregos parecem ser muitas e risíveis”, porém, quem passa para a posteridade com o título de pai da História é Heródoto de Halicarnasso, por ser o primeiro a empregar a palavra história no sentido de investigação. Com o surgimento da História, as revelações sobre diversos fatores humanos, como costumes, interesses econômicos, clima, sociedade, guerras, já não têm explicação no sobrenatural, os deuses não são mais os responsáveis pelos destinos do homem. Mas, perdeu o homem a sua fé? A revelação divina já não tem nenhuma importância? A compreensão humana de que seus atos conduzem a consequências boas ou

ruins faz o homem avançar em sua visão do divino, é mais um passo dado rumo à desmaterialização dos deuses e/ou de Deus.

Como culturalmente somos filhos das tradições judaico-cristãs, não poderíamos esquecer que Iavé (ou Jehowá) revelou – se a Abrão e posteriormente a Moisés (Êxodo 3: 14), dizendo: EU SOU O QUE SOU, esta expressão usada pela entidade espiritual que se comunicou com Moisés traz a característica de não definir-se com um nome próprio, não deixando margem, desta forma, a que se pense em um outro deus; no entanto, as ações de Iavé revelam-nos um deus ciumento, irado e vingativo, a definição de Deus como Pai, justo e misericordioso, nos lábios do Rabi da Galileia foi causa de perturbação e admiração num meio em que a Lei de Moisés era a única salvação, mas que a esperança no Salvador prometido, que libertaria os judeus do jugo romano, fazia alguns a verem no Filho do carpinteiro a promessa da liberdade entre eles; a sua morte e a sua resignação foram decepção e espanto para quem esperava ver nele a figura enérgica que expulsou os vendilhões do Templo; a Sua mensagem libertadora permanece como a chave para abrir a porta que nos levará à saída da prisão da ignorância em que ainda nos encontramos. E, infelizmente, enquanto as religiões não buscarem uma revisão dos princípios “cristãos” que pensam seguir, muito longe ficará o dia da libertação humana. A força que as religiões têm encontra-se próxima a elas, porém, renegam-na como

os judeus renegaram ao Homem de Nazaré; esta força é o Espiritismo, como bem falou Léon Denis: "O Espiritismo não é a religião do futuro, é o futuro das religiões". A revelação espírita, por não ter um nome que a represente, sendo um ser coletivo e caminhando *pari passu* com a ciência, nunca será passado histórico, sim presença constante na história da evolução humana; é o que afirma Allan Kardec : "Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar ele a aceitará" (A Gênese, cap. 1, item 55, Ed. FEB).

Esta afirmativa está, aliás, em perfeita sintonia com o caráter da Doutrina, assim definida pelo Codificador:

"O que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem" (A Gênese, cap. 1, item 13, Ed. FEB).

Publicado em *Reformador* Ano 2.177 - Agosto 2010, pp. 30 e 31.

Espiritismo Modernizado?

O Espiritismo é uma doutrina em que a razão e o coração unem-se para que a chama da Fé não se apague no espírito humano, entretanto, vemos que em muitas Casas Espíritas há por parte de determinados dirigentes um religiosismo piegas onde as falhas e ideias que contrariam a simplicidade cristã-espírita por certos tarefeiros, são relevadas em nome de um suposto "amor evangélico" e, com isso, práticas não condizentes com os princípios doutrinários passam a fazer parte das atividades rotineiras de uma ou outra Instituição Espírita. Pode-se alegar que os tempos são outros, que é preciso modernizar as formas de divulgação da doutrina, que é preciso atrair os jovens etc. Pois bem, o avanço tecnológico em muito tem auxiliado na divulgação doutrinária, em Congressos e Palestras temos o uso de "data-shows", vídeos, a Internet é uma ótima ferramenta de propagação (há muita disputa inútil também), mas, a título de divulgação e atrativo para o grande público, é de todo inconveniente a venda de cristais, incensos e objetos quaisquer deste pseudo-misticismo que está a enriquecer considerável número de pessoas.

A Casa Espírita é um Templo e como tal deve ser respeitada, gritarias eufóricas e sentimentalismo exacerbado têm sido manifestações próprias de

determinadas seitas religiosas que manipulam as massas com suas promessas de prosperidade; tal atitude é inadmissível num Templo que tem por proposta a revivescência do Cristianismo em sua simplicidade e pureza. Quando algum confrade ou alguma congreira sugerir algo que esteja em desacordo com os princípios que regem o bom andamento da doutrina, tais o uso de práticas esotéricas ou a inclusão de certos ritos próprios das religiões afro-brasileiras, deverá, em nome da doutrina, dizer-lhes que devemos ter sim todo o respeito para com os nossos irmãos espiritualistas, mas que, para mostrarmos a nossa falta de preconceito, não se faz necessário que lhes adotemos as práticas. O objetivo do Espiritismo é fazer com que o homem compreenda que é um Ser Eterno e, a partir desta compreensão, fazer o homem refletir sobre a sua conduta moral. O estudo é a primeira e principal forma de se chegar a esta conclusão. É melhor que se tenham jovens e frequentadores esclarecidos do que uma Casa lotada, mas acarretando para os seus dirigentes o débito de estarem expondo a doutrina ao ridículo com práticas desaconselhadas pelo que nos legou o Codificador e as obras subsidiárias, tal como o livro Dramas da Obsessão, do Espírito Bezerra de Menezes, psicografado pela médium Yvonne do Amaral Pereira, médium esta, aliás, esquecida de nós espíritas um tanto quanto ingratos, e a notável obra mediúnica de Chico Xavier.

A quem estas nossas palavras parecerem muito ortodoxas, lembramos que o Mestre de Nazaré não transigiu com os mercadores do Templo, por que nós adeptos do Cristianismo Redivivo teríamos que transigir com a ambição, a vaidade e o desejo de projeção de muitos? Que tipo de "caridade" é esta que se faz conivente com os erros e com os abusos? Lembremo-nos de que a maior e melhor forma de divulgação é o exemplo da nossa conduta moral e também da seriedade com que tratamos das coisas do Espírito.

Restauração do Cristianismo

Desde que Constantino, em 325 d.C., realizou o Concílio de Niceia, teve início a grande desfiguração do Cristianismo, onde a crença pagã (politeísta, enraizada na doutrina da santíssima trindade e nos cultos dos santos), já não é apenas o aspecto sincrético proveniente do aumento do número de cristãos no Império Romano, fenômeno perfeitamente explicável pelos estudos de antropologia cultural, mas verdade de fé e por isso mesmo irrevogável. Era o início de um poder terreno que se fazia na Terra o representante escolhido diretamente pelos Céus! (1) O interesse de Constantino em manter a unidade política, territorial e religiosa do Império e uma posição proeminente para sua pessoa imperial, foram os motivos para a convocação de um Concílio reunindo líderes de diversas igrejas, e somente após o Concílio de Niceia foi que o imperador tornou-se popular em Roma e, agora só havia uma doutrina teológica verdadeira porque inspirada pelo Espírito Santo (?) (2), sobre este assunto esclarece o prof. J. Herculano Pires:

(...) Os Gnósticos, que enfrentaram o avanço dos cristãos, apoiados pelo Imperador Constantino, de Roma, diziam-se herdeiros de uma revelação antiga, que se conservava na sucessão dos mandatos.

Pretendiam a universalidade, como os cristãos, mas não dispuseram de um apoio político e militar suficiente, sendo condenados como hereges. Os cristãos realizaram sua institucionalização sob a proteção romana toda poderosa. Tinham o mandato de César, mas faltava-lhes o de Deus. Todas as seitas cristãs que discordavam da posição dos protegidos de Roma eram declaradas hereges e muitas vezes exterminadas. A mesma aliança anteriormente efetuada entre romanos e judeus, em Jerusalém, efetuava-se então entre romanos e cristãos, com propósito mais vasto, que era o domínio do mundo. Por mais que desejemos dourar essa situação, alegando a necessidade de expansão do Cristianismo para a salvação da Humanidade, a verdade dos fatos históricos nos mostra que o objetivo principal, e que realmente se realizou, pelo menos em parte, era o domínio político e militar dos povos sob o prestígio da igreja apoiada pelo Império (Revisão do Cristianismo, 1996).

As consequências de tal decisão produziram o período de trevas na humanidade começando com as Cruzadas que tinham por objetivo retirar os árabes da Terra Santa culminando com a instituição da Congregação do Santo Ofício (hoje Congregação para a doutrina da Fé), ironicamente chamada de Santa Inquisição, que tanta dor e confusão causou devido ao fanatismo religioso e à ambição desmedida dos novos sacerdotes da caricatura cristã. A massa ignara seguia piedosamente as ordens "divinas", é chocante o

episódio ocorrido com João Huss: quando este estava sendo queimado, uma velhinha se aproxima e coloca um pequeno galho para aumentar o fogo, ao que Huss exclama: *sancta simplicita!* (santa ignorância), o povo cria que quanto maior fosse o fogo, a alma do "infiel" seria mais purificada de seus "pecados".

É no seio da própria Igreja que o começo de uma ação para restaurar a verdade cristã em seu verdadeiro significado irá se produzir, quando em 31 de outubro de 1517 o monge agostiniano Martin Luther (Martinho Lutero) fixa na porta da igreja de Wittenberg as 95 teses, dando início a intensos debates teológicos que culminam na divisão da cristandade em católicos e protestantes. Entretanto, apesar de Lutero haver retirado a letra morta para a clareza das consciências, o livre exame das Letras Sagradas trouxe divergências na interpretação, provocadas pelo orgulho humano que só percebe a sua verdade; nasceram daí os anabatistas e os calvinistas e mais divisão foi feita entre os cristãos.

No decorrer da história humana, muitos pensadores apareceram buscando fazer ver ao homem que a vida tem um sentido e que o Cristianismo do Cristo não estava perdido. Teremos o "cogito" de Descartes (século XVII), os enciclopedistas no Século das Luzes (século XVIII), o panteísmo de Spinoza (século XVII), a desenvolver-nos uma concepção de Deus nada antropomórfica, de Spinoza disse Ernest Renan: "eis o homem que teve a mais profunda visão de Deus!". E, para fazer a revisão dos ensinamentos

Jesus de Nazaré, Renan, o grande racionalista do século XIX, em 24 de junho de 1863, lança a sua obra-prima, *Vida de Jesus* (3), restituindo a Jesus a sua figura humana, filho de José e Maria e não um deus encerrado num corpo humano, como se tal coisa fosse possível; o Criador dos Universos limitado como um mortal, Ele que é a um só tempo Eterno e a Eternidade. Guiando-se na mesma postura de Renan, mas sob ótica diversa, Allan Kardec também inicia o processo de revisão do Cristianismo quando publica *O Evangelho segundo o Espiritismo* em 1864. No livro *Obras Póstumas*, Kardec pergunta aos Espíritos o que dirá o clero sobre *O Evangelho*, ao que responderam:

“O clero gritará – heresia, porque verá que atacas decisivamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia sua influência e o seu crédito. (...) O anátema secreto se tornará oficial e os espíritas serão repelidos, como o foram os judeus e os pagãos, pela Igreja Romana. Em compensação, os espíritas verão aumentar-se-lhes o número, em virtude desta perseguição, sobretudo com o qualificarem, os padres, de demoníaca uma doutrina cuja moralidade esplenderá como um raio de Sol pela publicação do teu novo livro e dos que se seguirão.

(...) o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana” (4).

O Espiritismo desmistifica e demitifica todo o arcabouço filosófico e teológico que a escolástica durante séculos produziu, colocando o homem na

posição de espírito em evolução e tendo por máxima Fora da Caridade não há salvação (5); restaura a simplicidade cristã, que é sem culto oficial, sem ritos, sem pompas, como eram as reuniões na igreja primitiva.

Notas:

1 – Este poder temporal vindo do céu estendeu-se à figura dos reis:

Se a sociedade era uma e tripartida e o rei era a figura que liga o triângulo, este apresentava-se, (...), na teologia política com um duplo corpo: o corpo mortal, terreno e humano, e o corpo que era na verdade o corpo místico, designativo do coletivo idealizado nas três ordens.

O duplo corpo do rei era por um lado a junção do corpo clerical e do corpo leigo, do sagrado e do profano, por isso o rei era ungido e eleito como todos que são da esfera do sagrado. Mas o rei não pertencia ao corpo clerical. Nem ao corpo clerical, nem à cultura clerical somente, porque o rei guerreiro também, leigo como seus pares, *primus inter pares* [primeiro entre iguais]. (FRÓES, Vânia Leite. Era o tempo do Rei... IN: LIMA, Lana Lage da Gama, HONORATO, César Teixeira, CIRIBELLI, Marilda Corrêa, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História e Religião. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. p. 59-60).

2 - (...) o Concílio de Niceia era uma convocação de líderes religiosos vindos dos quatro cantos do

mundo antigo, desde a Espanha até a Pérsia, do norte da África ao norte da França, do Egito da Síria, da Armênia e da Palestina. Constantino organizou e controlou a reunião, a primeira conferência ecumênica, criando, com esmero, a primeira imagem da cristandade. (...) As gerações seguintes acreditaram de modo geral que o Concílio de Constantino, fora guiado diretamente pelo Espírito Santo. O imperador entronizado e seus bispos aparecem como o protótipo do governo ocidental, pois foi em Niceia que essa ordem dual de poder espiritual e temporal recebeu sanção pela primeira vez. No centro desse novo Império cristão ficavam os livros sagrados da Bíblia (ROMER, 1991).

3 – Esta obra de Renan é o marco da pesquisa universitária sobre a historicidade de Jesus e é reconhecida, diante das recentes descobertas arqueológicas, como um dos mais importantes textos sobre esta.

4 – Para melhor entendimento dessa afirmativa leia-se o capítulo I do livro A Gênese, de Allan Kardec – Caráter da Revelação Espírita.

5 – É interessante observar que os exegetas têm traduzido para a Bíblia a palavra caridade por amor, já que aquela tem tido na atualidade o sentido de assistência social fugindo do sentido original, caridade vem do latim caritas e significa amor supremo, lembramos que os gregos tinham oito palavras para exprimir o amor, cada qual em sentido específico, a caridade (amor supremo) como a entendia Jesus é a

“benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas” (O Livro dos Espíritos, questão 886).

Provas da Individualidade e independência da Alma após a morte

Que prova podemos ter da individualidade da alma após a morte?

- Não tendes esta prova pelas comunicações que obtendes? Se não estiverdes cegos, vereis; e se não estiverdes surdos, ouvireis; pois frequentemente uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está ao vosso redor. (*O Livro dos Espíritos, questão 152.*)

Após a conclusão da grandiosa obra da Codificação Kardequiana uma nova ordem de fenômenos espíritas atraiu a atenção dos sábios: as materializações de Espíritos. As pesquisas realizadas no final do século XIX e início do século XX por notáveis cientistas como Sir William Crookes, Sir William F. Barret, Sir Oliver Lodge, Cromwell Varley, Paul Gibier, Ernesto Bozzano, Charles Richet e César Lombroso, para só citar alguns, provaram cabalmente a realidade da vida após a morte. As pesquisas modernas sobre Experiência de Quase Morte (EQM) provam também a persistência do Ser, notadamente quando ocorre durante esta a comunicação do enfermo com um seu parente já morto, e este lhe revela fatos ocorridos em sua vida, desconhecidos do paciente e comprovados depois, provando-lhe assim a

sua identidade e independência. Para maiores detalhes sobre as EQM's indicamos ao leitor as obras *Vida Depois da Vida*, do Dr. Raymond Moody Jr. e *Morte, Estágio Final da Evolução*, da Dra. Elizabeth Kübler-Ross.

A Sociedade para Pesquisas Psíquicas, de Londres, instituição centenária que contou em seu início com a participação de sábios como Frederic Myers, Edmund Gurney e Frank Podmore, têm um estudo recente (ano de 2009 – acessível no site da Instituição, em inglês) sobre os fenômenos de Poltergeist, onde se afirma a influência de mentes humanas extra-físicas agindo no meio físico. Entretanto, apesar das conclusões a que chegaram diversos cientistas, os incrédulos de plantão vieram à tona com as suas teorias que buscavam derrubar o edifício da Eternidade. O psicólogo William James falou sobre a existência de um “reservatório cósmico das memórias individuais”, ao qual os médiuns teriam livre acesso, extraíndo dele tudo o de que necessitam, mistificando os míseros mortais. Hipótese milagrosa demais, pois faz da mente do médium um repositório da Sabedoria Universal. Mais tarde, estudando atentamente os fenômenos, notadamente com a médium Leonore Piper, e também os fenômenos religiosos, James considerou “que a telepatia e a real comunicação de um espírito poderiam explicar (...) experiências religiosas”. Outra hipótese, aventada pelo alemão Von Hartmann, é a de que os médiuns se poriam em relação direta com Deus, o Absoluto. O filósofo e professor alemão

Friedrich Von Schiller argumentou decisivamente em relação a estas hipóteses ao falar do caso Patience Worth*:

“(…) Se me ponderarem que uma personalidade finita não pode deixar de ser uma “seleção” do Absoluto, responderei que semelhante explicação explica demais, visto que se, nesse sentido, Patience Worth não passa de uma “seleção do Absoluto”, todos nós, então, somos, do mesmo modo, “seleções do Absoluto”, o que equivale a dizer que, nos limites da argumentação exposta, Patience Worth seria um “espírito” como todos os outros” (In: BOZZANO, Ernesto. *Xenoglossia*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.)

Para concluir não poderíamos deixar de citar a resposta do Mestre de Lyon no comentário que fez à questão 152 de *O Livro dos Espíritos*, numa notável antecipação:

“(…) Se não houvesse, após a morte, senão o que se chama o Grande Todo, absorvendo todas as individualidades, esse todo seria homogêneo e então as comunicações recebidas do mundo invisível seriam todas idênticas. Desde que encontramos seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados, desde que há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e sérios, etc., é evidente que se trata de seres distintos.

A individualização ainda se evidencia quando esses seres provam a sua identidade através de sinais incontestáveis. De detalhes pessoais relativos à vida

terrena, e que podem ser constatados; ela não pode ser posta em dúvida quando eles se manifestam por meio das aparições. A individualidade da alma foi teoricamente ensinada como artigo de fé, mas o Espiritismo o torna patente e de certa maneira material”.

Nota:

*Patience Worth é o nome do Espírito que se comunicava com a Sra. John H. Curran e ditou uma série de romances e poesias. O poema que mais causou sensação foi o de título TELKA, escrito em língua anglo-saxônica do século XVII e combinado com expressões dialetais da época. Suas primeiras obras foram ditadas em inglês moderno, entretanto, ela decidiu a ditar algumas em língua inglesa e nos dialetos do século XVII, afim de provar a sua independência espiritual em relação à médium.

“Pelo que toca ao poema TELKA – esclarece o Prof. Bozzano – adiantarei que, na época em que foi transmitido, Patience Worth deixara de empregar o instrumento mediúnico denominado OUIJA e ditava romances e poesias pela boca da médium, o que significa que esta última, conquanto conservasse plena consciência de si mesma, percebia uma voz subjetiva que lhe ia ditando palavra por palavra, de modo que ela não fazia mais do que repetir, em voz alta, as que ouvia e que um secretário ia escrevendo” (APUD:

LOUREIRO, Carlos Bernardo. IN: As Mulheres Médiuns.
Rio de Janeiro: FEB, 1996. p. 67).

Mediunidade – De Pentecostes aos Nossos Dias

Após Jesus ter-se elevado e desaparecido (Atos 1:9-11), a mediunidade manifestou-se perante um público internacional: era o Dia de Pentecostes, também chamado de Festa da Colheita, comemorado 50 dias após a Páscoa. Era uma festa de ação de graças pelas colheitas, e judeus de várias nações se reuniam em Jerusalém pela Festa de Pentecostes, como nos relata Lucas no livro de Atos 2, 1-6:

“Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua”.

Estava cumprida a profecia de Joel 2, 28-29 e o desejo de Moisés (Números 11, 29). Ocorreram três fenômenos no dia de Pentecostes, dois de efeitos físicos – “som, como de um vento veemente e impetuoso” e “línguas..., como que de fogo” – e um de efeito inteligente: “começaram a falar em outras línguas”, fenômeno de xenoglossia em que o médium sob a influência do Espírito fala em idioma que desconhece. Para um estudo aprofundado de tão empolgante assunto, aconselhamos a leitura do livro Xenoglossia, de Ernesto Bozzano, edição da FEB.

Após Pentecostes, a mediunidade estava tão difundida pelas igrejas que, em locais como Corinto, os ciúmes em relação à capacidade mediúnica estava dividindo a Igreja. Paulo, no capítulo 12 da primeira epístola aos Coríntios, explica a distribuição de dons e no versículo 31 exorta: “Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente”. O que ocorreu na comunidade cristã de Corinto ocorre no meio espírita. Há médiuns que querem ser dotados de todas as faculdades mediúnicas, não se contentando com a que Deus lhes outorgou, esquecendo-se da advertência de Paulo e do Espírito Sócrates:

“Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas, ocupando-se de todo nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar

indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna joguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram por amor próprio, ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de médiuns seguros” (*O Livro dos Médiuns* – 2º Parte, cap. XVI, item 198).

É assunto para reflexões mais sérias.

Espiritismo: Causa do Espírito

O Espiritismo, surgido em meados do século XIX, começou com manifestações ruidosas: pancadas e barulhos que assombravam as casas, a mais famosa destas foi a das irmãs Fox em Hydesville, E.U.A, mas tal fenômeno ocorrido em todas as partes do mundo, chamou a atenção de homens de ciência que decidiram por os pesquisar afim de encontrarem a explicação científica para o fato de os "raps" demonstrarem inteligência ao responderem às perguntas feitas sobre diversos assuntos, desde os mais simples às altas questões científicas e filosóficas. Descobriu-se que o fenômeno era obtido com o auxílio de médiuns que doavam inconsciente ou conscientemente os fluidos necessários às Entidades comunicantes para a produção dos fenômenos.

Para que o Espiritismo viesse a se afirmar como Ciência, várias pesquisas foram realizadas por homens como William Crookes, membro da Sociedade Real de Londres, Prof. Cesare Lombroso, criador da Antropologia Criminal, Ernesto Bozzano, cientista e médico, Prof. Charles Richet, Nobel de Fisiologia, entre muitos outros que confirmaram a sobrevivência do Ser após a morte do corpo. Infelizmente a ciência não admite a existência do Espírito, apesar dos esforços realizados pelos nomes supracitados, e continua a

acusar, os que se convenceram, de ingenuidade e, tal como os cientistas que menosprezaram os dois colegas de renome do Stanford Research Institute, da Califórnia, que aceitaram os fenômenos obtidos pelo médium israelense Uri Geller (o "poder" de Geller aqui referido não tem nada a ver com entortamento de colheres, sendo na verdade visualização através de "clarividência" de desenhos feitos por outras pessoas isoladas dele), dizem: *Populus vult decipi, ergo decipiatur* (O povo quer ser enganado, portanto que se engane). Diante disto como se pode entender que o Espiritismo é ciência, já que a ciência em si mesma não considera a realidade do Espírito? É preciso convir que para os fenômenos espíritas ocorrerem são necessárias certas condições que determinados cientistas declaram como propícias à ação fraudulenta como, por exemplo, a obscuridade em que são realizadas as sessões de materialização, no entanto, muitas pesquisas foram realizadas por anos a fio por homens de ciência altamente capacitados, como Sir William Crookes, e que eram extremamente desconfiados e prevenidos na realização das experiências. Sobre as prevenções de William Crookes, relata o notável pesquisador Carlos Bernardo Loureiro:

“William Crookes era extremamente cuidadoso na realização das experiências. Para prevenir a fraude ele chegou a utilizar o teste elétrico aconselhado por Cromwell Varley. Consistia em colocar a médium em um círculo elétrico conectado, com uma bobina de resistência, a um galvanômetro. Os movimentos do

galvanômetro eram mostrados em outro recinto para as irmãs de Florence Cook. Se a médium fizesse qualquer movimento, o mais leve que fosse, o galvanômetro apresentaria violentas oscilações.

Entretanto, nada ocorreu de suspeito, embora o Espírito de Katie King, durante a materialização, balançasse seus braços, sacudisse as mãos dos presentes e escrevesse uma mensagem. O galvanômetro permaneceu completamente imóvel, nenhuma deflexão foi notada. Como medida extrema, William Crookes solicitou ao Espírito Katie King que colocasse as mãos numa solução química, pois, no caso de Katie ser Florence, teria os fios molhados e a solução química teria, infalivelmente, modificado a corrente do aparelho. E nada disto ocorreu” (LOUREIRO, Carlos Bernardo. *As Mulheres Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1996. p. 416-417).

Outros muitos fatos poderíamos citar, basta, porém, consultarmos a extensa bibliografia sobre o assunto, que encontraremos diversos relatos sobre as prevenções tomadas nas pesquisas; mas os cientistas, com raras e honrosas exceções, continuam a agir como os que acusaram os eminentes físicos Sir William F. Barret e Sir Oliver Lodge. Eis trecho do artigo da revista trimestral *Bedrock* a respeito do trabalho sobre telepatia realizado por estes dois físicos:

Não é necessário nem encarar o fenômeno da chamada telepatia como inexplicável nem considerar a condição mental de Sir W. F. Barret e Sir Oliver Lodge como indistinguível da idiotice. Há uma terceira

possibilidade. A vontade de acreditar os levou a aceitar rapidamente indícios obtidos sob condições que eles teriam reconhecido como sem solidez se tivessem uma formação em psicologia experimental (APUD: KAKU, Michio. IN: Hiperespaço: uma odisseia científica através de universos paralelos, empenamentos do tempo e a décima dimensão. Rio de Janeiro: Rocco, 2000).

Apesar da crítica ferrenha aos dois eminentes físicos, no século XX, o prof. Joseph Banks Rhine pesquisou, entre outros, o fenômeno da telepatia e declarou:

“Na situação atual só se podem explicar as provas a favor da telepatia com uma espécie geral de troca extra-sensorial de pessoa para pessoa. O conceito de Espírito não se desvanece. Esta mesma dificuldade com relação ao Espírito contribui para manter a importância do problema da telepatia” (APUD: LOUREIRO, Carlos Bernardo. IN: Op. Cit., p. 378).

Diante disto, torna-se vital, para o desenvolvimento da Ciência, a pesquisa séria dos fenômenos extra-sensoriais para “o engrandecimento e consolidação da causa do Espírito, Senhor do Tempo e dos Elos Perdidos..” (Carlos Bernardo Loureiro).

O Apóstolo da Palavra Viva

Todos os Apóstolos foram divulgadores da Palavra Viva do Cristo, muitos dos que auxiliariam aqueles na tarefa de propagação do Evangelho, devido à sua dedicação incansável, bem mereceram também serem chamados de Apóstolos. Entre estes está Filipe, um judeu “cheio do Espírito e de sabedoria” (Atos, 6: 3), que falava grego; um dos sete homens escolhidos para ajudar no programa de distribuição de alimentos da igreja, tarefa hoje continuada por diversos segmentos cristãos, notadamente as Casas Espíritas, em que uma das tarefas é auxiliar aqueles a que a sociedade chama de excluídos.

A tarefa de Filipe, que era diácono, foi muito além da administração do programa alimentar. Ele se tornou um evangelista, e diferente da maioria dos evangelistas, Filipe obedeceu à ordem de Jesus de levar a Boa Nova a todas as pessoas. O veremos a pregar em Samaria, região central de Israel.

Os samaritanos eram considerados mestiços pelos judeus “puros” do Reino do Sul, porque aqueles eram os filhos dos judeus com estrangeiros, resultado do domínio babilônico, onde o rei assírio levou muitos cativos e, em Samaria, ele deixou apenas as pessoas pobres e os estrangeiros e foram com estes que os judeus se casaram; desta união nasceram os

“mestiços”. A divisão não ficou só na “raça”, mas também na religião. Os judeus “puros” renegavam os samaritanos como hereges, tal como os católicos fizeram aos protestantes; os samaritanos menosprezavam o Templo de Jerusalém, cultuando Deus no seu Templo no monte Garizim. Filipe com o seu verbo eloquente e pelas curas de enfermidades e obsessões que em nome de Jesus fazia, fez com que a mensagem que o Senhor falou à Samaritana se tornasse uma realidade: “a hora vem, e agora é em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que os adorem o adorem em espírito e verdade” (João, 4: 23-24). Filipe conseguiu, deste modo, irmanar aqueles que viviam separados e que o entendimento do Evangelho do Cristo passou a unir.

Os feitos de Filipe chamaram a atenção da comunidade cristã de Jerusalém e os Apóstolos Pedro e João foram à Samaria para verificar a veracidade dos fatos narrados, “havia sempre rigorosa vigilância entre os fatos e as ações dos discípulos por aqueles que fossem portadores de maior autoridade” (1). Tudo foi confirmado e “tendo eles, pois, testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e, em muitas aldeias dos samaritanos, anunciaram o Evangelho” (Atos 8, 25).

Filipe era além de excelente médium curador, também médium auditivo, é o que depreendemos do cap. 8, 26 do livro de Atos: “Um anjo do Senhor falou

a Filipe dizendo: “Levanta-te e vai para o sul, pelo caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserto”. Nesta viagem Filipe foi o instrumento para a conversão ao Cristianismo do mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, era ele o superintendente de todos os tesouros do reino e tinha ido a Jerusalém para adoração (Atos 8, 27).

Após Filipe haver batizado o superintendente da rainha Candace, “o Espírito do Senhor se apoderou de Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho. Filipe foi encontrado em Azoto e, atravessando [a região], evangelizava todas as cidades até chegar a Cesareia” (Atos 8, 39-40). Sobre a seriedade e a responsabilidade de Filipe ante o seu Espírito Guia, diz Yvonne A. Pereira: “Para todos os lugares a que se dirigisse a serviço do Senhor fazia-o obedecendo sempre às instruções do “Espírito”, tal como acontece aos médiuns atuais investidos de graves responsabilidades perante os serviços do Consolador” (1).

Na viagem de retorno a Jerusalém, o Apóstolo Paulo hospedou-se na casa de Filipe em Cesareia; Lucas registra (Atos 21, 8-9) o fato de Filipe ter quatro filhas virgens que profetizavam, isto é, eram médiuns falantes ou, como hoje se chama médiuns de incorporação, fato que deixa claro que a mediunidade não é para privilegiados, pois todos somos servos e servas de Deus (ver Joel 2, 28-29; Atos 2, 1-18). Foi em casa de Filipe que o profeta (médium) Ágabo, da

Judeia, previu a prisão de Paulo em Jerusalém (Atos 21, 10-11).

Filipe, o evangelista, que pelos seus feitos merece o nome de Apóstolo, foi o precursor de Paulo na divulgação do Evangelho entre as gentes.

Nota:

(1) – PEREIRA, Yvonne A. Cânticos do Coração. 1ª edição. Rio de Janeiro: CELD, p.33.

Movimento Espírita em Campos dos Goytacazes – Uma análise

(Epístola aos cristãos-espíritas)

I João, 4: "Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo".

2 João, 2: 10-11: "Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras".

Epístola aos Magnésios (de Ignácio de Antioquia), cap. 8: "Não vos deixeis iludir pelas doutrinas heterodoxas, nem pelos velhos mitos sem utilidade".

Didaque (credo dos Apóstolos) I: 3 – "Não tenhas duplo pensamento ou linguajar, pois o duplo sentido é armadilha moral. A tua palavra não deve ser em vão, mas comprovada na prática".

O Espiritismo é uma doutrina isenta de hierarquia sacerdotal, ritos, pompas, imagens e superstições; é doutrina que respeita o direito sagrado do livre-arbítrio, não fazendo proselitismo nem impondo os seus conceitos à sociedade. O Espiritismo é feito por homens, sem a nossa contribuição neste plano de matéria densa ele não se organizaria – a revelação,

como disse Kardec em "A Gênese", é divina e humana, portanto, nos cabe o trabalho de pesquisa.

O ser humano é bastante complexo em sua estrutura psicológica e o inter-relacionamento entre eles promovem acordos e discordâncias, coragem e desânimo e, assim, vive-se em sociedade, buscando cada qual o seu caminho pela vida. Há os que buscam no Espiritismo a bússola para que venham a se guiar por corretas veredas, se entusiasmam com a paisagem do caminho e ao perceberem-no apertado, estreito, derivam para os atalhos que parecem encurtar a distância ao ponto de chegada. São os faltos de coragem para enfrentar desafios maiores. Vejamos.

Toda a obra de Kardec foi embasada na razão, nela não encontramos uma linha sequer deste misticismo pobre com seus incensos, velas e uma bagatela de livros de autoajuda e discursos a trazerem soluções prontas para os desafios que temos a vencer na vida. Estão os espíritas de nossa cidade atentos para este fato? A resposta, infelizmente, é que há um diminuto número consciente desta realidade, mas quando colocam a posição que trazem a respeito de como veem o Espiritismo, não poucas vezes são tachados de dogmáticos, ortodoxos, retrógrados, mas, se aquiescem para os modismos que surgiram nestes últimos anos no Movimento Espírita de nossa cidade, tais o uso de jalecos pelos médiuns passistas, luzes amarelas, azuis, vermelhas e outras mais que tem que ficar acesas durante as reuniões públicas de esclarecimento (para que?). Não há um motivo

racional para isto, não estamos falando de uma luz que se acende na hora do passe para facilitar a concentração da assistência (ainda que isto também seja desnecessário, pois, e as reuniões que ocorrem de dia?, mas de luzes acesas durante a explanação do orador "a"), meditações e relaxamentos conduzidos por Espíritos que, sem uma análise sucinta, já se percebe o seu nenhum conteúdo, a dependência psicológica em que ficam muitos por conta de médiuns que, acima da Doutrina, colocam a sua personalidade, e adoram os elogios que se lhes façam, ainda que se ocultem numa falsa humildade. Aí sim, quando há apoio para esse pseudoespiritismo, não mais se é ortodoxo, dogmático, retrógrado.

É preciso ter coragem para denunciar este estado de coisas abertamente, mostrando o equívoco em que se encontram muitas Casas compostas de pessoas de boa vontade, mas de fraca ou nenhuma instrução doutrinária.

A Liga Espírita de Campos, através de seu veículo de divulgação – a Revista Espírita de Campos, no 1º trimestre do Ano 2011 – edição comemorativa dos 150 anos de "O Livro dos Médiuns", às pp. 38-39, transcreveu o texto "O Espiritismo Brasileiro – Desvios à Vista", contido no livro "Para Entender Allan Kardec", da escritora, oradora e educadora Dora Incontri, a pergunta é: os assinantes e os que tiveram acesso à Revista entenderam o porquê da referida transcrição? Se não, diremos, pelo mesmo motivo o qual nos faz escrever este texto que, esperamos, não venha a ser

desprezado como “obra das trevas” pelo simples fato de alertar aos companheiros de ideal a respeito das mistificações que pairam no Movimento Espírita de nossa cidade. (Infelizmente precisamos registrar aqui a postura infeliz da Liga Espírita de Campos ao cobrar ingressos para a palestra do Richard Simonetti, apesar de muitos terem entrado de graça, será que a consciência pesou? A justificativa de que é para ajudar o Hospital João Vianna não convence, melhor seria que se fizessem outros tipos de evento, como no caso, se falar com o orador que também é escritor, da possibilidade de parte da venda dos livros ser doada ao Hospital, talvez se ganhasse até mais no sentido financeiro, isto se o escritor concordasse, não sabemos como ele pensa sobre, daí não podermos ajuizar se ele aceitaria ou não, mas fica a nossa sugestão.)

O fenomenismo tem sido a cultura atual do Movimento Espírita em Campos, RJ, haja vista a quantidade de Casas (estivemos em muitas delas) onde o “Mentor” é que decide os destinos da Casa ou, mesmo, o destino afetivo e profissional de seus integrantes, prática completamente oposta aos reais objetivos da Doutrina, que é a renovação moral do homem e a conseqüente renovação do mundo.

Em uma das Casas que estivemos e, onde, por vezes, ao fim da palestra por nós proferida, Espíritos Amigos se manifestavam pela psicografia, fomos surpreendidos pela dirigente a colocar papel e caneta (nós levamos, neste dia não percebemos nada, então

não apanhamos o material e só ativamos a mediunidade se nos sentirmos verdadeiramente acionados pelo Alto, aprendemos isto na Introdução de D. Yvonne do Amaral Pereira ao seu livro "Recordações da Mediunidade") a nossa frente – modo sutil de sugerir o fenômeno -, ao que respondemos firmes: "Hoje não haverá psicografia" e, desde então, ficamos muitos meses sem sermos convidados para lá palestrarmos. O que se queria: a palavra esclarecedora ou o fenômeno passageiro?

Que pode haver o fenômeno, sabemos que sim, mas, para se chegar à verdade dos fatos, necessitamos de seguir a orientação dada pelos Espíritos a Allan Kardec:

"Estudai, comprovai, aprofundai.

Para se discernir do erro a verdade, preciso se faz que as respostas sejam aprofundadas e meditadas longa e seriamente. É um estudo completo a fazer-se. Para isso, é necessário tempo, como para estudar todas as coisas" ("O Livro dos Médiuns", cap. XXVII – 2ª parte, item 301, questão 4ª).

Algo interessante é o fato de aqueles que demonstram bons dotes mediúnicos, especialmente na psicografia, e que vem se pautando dentro de uma linha de conduta coerente com os postulados doutrinários, são estigmatizados com o rótulo de obsidiados e, não raro, afastados dos trabalhos mediúnicos na Casa que frequentam e recebendo também o rótulo de "causa de perturbação", como não se pode vencer a força da lógica e da argumentação

doutrinária séria, correta, atenta à Codificação, e não aos modismos das mentes desequilibradas e, por isso mesmo, invigilantes. A solução é vencer pela força, expulsando (com a falsa doçura na boca dizendo o afastamento ser apenas uma educação para o expulsado, até clareza falta nesta hora, é a hipocrisia reinando) a quem não fecha os olhos para o desvirtuamento da Doutrina Espírita.

Caminhos há vários a seguir, e quanto à árvore frondosa que é o Espiritismo, que não desprezemos os seus frutos, pois que assim permaneceremos sempre no chão, sem alcançarmos a visão maior que é a mensagem do Consolador ao mundo: a restauração do Cristianismo através da renovação moral de seus profitentes.

Observação:

Para aqueles que acharem estas palavras agressivas, muito diretas, diremos que Jesus não contemporizou com os vendilhões do Templo; por que nós o faríamos? E, por outra, leiam as obras de José Herculano Pires, tido por Emmanuel como "o metro que melhor mediu Kardec", e as duras advertências que ele sempre fez em suas obras em relação aos desvirtuamentos doutrinários, tanto quanto o livro "À Luz do Consolador", de Yvonne Pereira, que falou sempre de forma direta e clara quanto a estes desvios.

Futuro dos órgãos de Unificação Espírita

“Os espíritas que discutem excessivamente entre si não estão defendendo os interesses da Doutrina e, sim, os seus próprios pontos de vista” - Chico Xavier (“O Evangelho de Chico Xavier”, de Carlos Antônio Baccelli, ed. Didier – Votuporanga, SP: 2000.)

Os órgãos de Unificação do Movimento Espírita, representados pelas Federações, Uniões, Alianças, Ligas, Conselhos etc., necessitam estar pensando e repensando o seu papel unificador. Será que o objetivo está sendo alcançado? Os espíritas estão unidos no Movimento ou há divisões neste? Que importância tais órgãos têm dado à Casa Espírita ou nela apenas enxergam números de adeptos a crescer na estatística do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)?

Desde a época do Dr. Bezerra de Menezes, o Movimento Espírita Brasileiro estava dividido entre os “científicos”, liderados por Torterolli e os “místicos”, liderados por Bezerra de Menezes.

Bezerra, devotado à Causa, lutava para ver os espíritas reunidos num mesmo ideal, no entanto, o fato dele à época de encarnado ser adepto de Roustaing, afastou a possibilidade de um

entendimento com os que viam o Espiritismo como Ciência e Filosofia de consequências morais. Apesar disto, a Federação Espírita Brasileira, com Bezerra de Menezes à frente, se consolidou, porém, a divisão no Movimento não deixou de existir e, hoje, temos o movimento da CEPA (Confederação Espírita Pan-Americana) que luta para corrigir possíveis desvios no Movimento Espírita Brasileiro que tem a FEB por representante maior.

Vemos que os espíritas estão divididos e ficamos a nos questionar sobre a responsabilidade dos órgãos unificadores. Há uma divisão entre os espíritas que aceitam Roustaing (os "roustainguistas" ou "rustenistas"); os que defendem as obras de Pietro Ubaldi (os "ubaldianos"); os adeptos de Ramatis ("ramatisistas"); os que exaltam e louvam Divaldo Franco (os "divaldistas"); em número diminuto temos os "Bernardistas" – que acreditam que Carlos Bernardo Loureiro foi a última voz a defender a "pureza doutrinária" -, são liderados por Cristiane Amaral; os "Herculanistas" (que dizem que J. Herculano Pires teria mesmo superado Kardec?!). Interessante é observar que todos estes ao falar das obras de Chico Xavier só o fazem apontando trechos que venham a corroborar suas teses, se esquecendo de aprofundar a leitura das obras do maior fenômeno humano e mediúnico depois do Cristo (sem desmerecer outros baluartes da Humanidade) e, acusam aos que defendem a obra mediúnica de Chico Xavier de "Chiquistas", sendo que, quem compreende a obra

mediúnica deixada por Chico muito se admira de nela ver a continuidade perfeita da Codificação Kardequiana; os “chiquistas” (pejorativamente falando), podemos dizer, são os que desconhecem as obras de Chico e não compreendem (se é que disto sabem) a assertiva de Emmanuel a Chico: “Se algum dia, eu disser algo diferente do que disse Jesus e Kardec, fique com Eles e abandone-me”, mostrando Emmanuel aqui a importância da fidelidade a Jesus e a Kardec têm – se visto, infelizmente, muitos que são fiéis apenas aos seus pontos de vista que defendem com unhas e dentes, chegando até mesmo ao ponto de intensas agressões verbais, o que vem a demonstrar que não compreenderam o espírito da Doutrina.

Diante destes fatos percebemos que os espíritas haverão de ficar divididos enquanto cada um pensar em defender somente a sua opinião e não o Ideal. É o que infelizmente têm feito com que as Federações e Cia. não correspondam às necessidades dos Centros Espíritas, pois aguardam que o Centro vá a elas e não fazem um esforço sequer para ir ao Centro. Aqui em nossa Campos dos Goytacazes, temos junto a amigos realizado Seminários com o fim de não só confraternizarmos, mas, principalmente, de colocarmos sugestões para a resolução de problemas que surgem em nossas Casas Espíritas (problemas que nos são colocados por membros e dirigentes quando ao final das palestras que fazemos somos procurados para tal. O 6º Seminário, em 2013, teve como assunto

principal tal abordagem – é preciso ir ao Centro para saber o que se passa, o que ele realmente está necessitando), pois bem, buscamos contato com a LEC (Liga Espírita de Campos) para pedir o espaço do auditório da instituição para a realização do então 4º Seminário, mas não obtivemos aceitação para tal. Em nossa modesta opinião vemos aí um tremendo equívoco, já que a LEC é um órgão de unificação e sabendo que 10 Casas espíritas se reúnem para a realização destes Seminários. O mínimo que deveria fazer a LEC é, sorridentemente, abrir as suas portas para um evento que vem sendo esperado por expressivo número de adeptos. Este é só um exemplo de como os órgãos de unificação recebem os Centros e ainda pedem auxílio a estes, é realmente para se ter paciência.

Os grandes nomes do Espiritismo, como Allan Kardec, Amélie Gabrielle Boudet, Léon Denis, Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Herculano Pires, Inácio Ferreira, Eurípedes Barsanulfo, Maria Máximo e muitos outros, deixaram exemplo de que o Espiritismo é para o povo e não para uma elite que quer deter o controle de uma Doutrina que é livre e onde os seus membros devem respeito uns aos outros, lembrando que Kardec e os Espíritos alertavam para a divergência de opiniões em pontos secundários da Doutrina, mas a união estaria firme em relação aos seus aspectos fundamentais que são inamovíveis. (Ver o capítulo Os desertores em Obras Póstumas e a comunicação do Espírito Allan Kardec e, na mesma obra, A Constituição

do Espiritismo – item 2 – dos Cismas.) Nos Prolegômenos de *O Livro dos Espíritos* assim está em seu 6º parágrafo: “A vaidade de certos homens, que creem saber tudo e tudo querem explicar à sua maneira, dará origem a opiniões dissidentes; mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno que envolverá o mundo inteiro; deixarão de lado as mesquinhas disputas de palavras para somente se ocuparem das coisas essenciais. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem as comunicações dos Espíritos Superiores” (grifos nossos – tradução de José Herculano Pires). As opiniões secundárias, no entanto, têm provocado a cizânia no Movimento, o que denota a falta de conhecimento doutrinário dos que assim agem e também do tripé que nos legou Allan Kardec em “Obras Póstumas”: “Trabalho, Solidariedade, Tolerância”.

Perante este quadro do Movimento Espírita nacional, fica a pergunta que não quer calar: Qual o futuro dos órgãos de unificação? Para responder a esta questão recordemos o que Chico Xavier disse a respeito ao seu amigo e também médium Carlos Antônio Baccelli: “No futuro vocês, os jovens, decidirão da importância dos órgãos de unificação para o Movimento” (ver o livro “A Trajetória de um médium”, de Carlos A. Baccelli). cremos que já está decidido: como os órgãos unificadores não vão aos

Centros e como os Centros são autônomos e não precisam prestar contas a estes a não ser ao Governo a respeito de impostos e alvará de funcionamento, eles não precisam, absolutamente, de Federações, Alianças, Uniões, Ligas, Conselhos etc., para levar a mensagem da Doutrina ao povo sedento de consolo e luz.

Análise Crítica do livro “Ícaro Redimido”

(Publicado na sessão Crítica Literária do site
Orientação Espírita.)

Referência: “Ícaro Redimido” - 9ª edição, maio de 2007, editora Inede, autoria do Espírito Adamastor, psicografia de Gilson Freire.

Colocaremos para uma leitura dinâmica parte de textos do livro que consideramos “chaves” para a análise por nós feita e, logo em seguida, as nossas observações.

“Durante um ano, antes de iniciar este trabalho, fui invadido, no momento do sono, por uma profusão de sonhos muito reais e que entreteciam todo o enredo da história que iria escrever mais tarde. No entanto, eu não estava ciente do fato e não podia compreender a razão daquilo. Passava os dias acompanhado por aquelas imagens inquietantes e guardava a estranha sensação de trazer a mente invadida por pensamentos que não me pertenciam, pressionando-me as paredes do cérebro para evadir-se. De certa forma me perturbavam, dificultando-me o trabalho diurno, causando-me uma íntima inquietude e a inexplicável impressão de não estar completamente

desperto e integrado ao nosso mundo” (Esclarecimentos Necessários, p. 12).

É estranha essa declaração, pois Espíritos esclarecidos não perturbam a vida cotidiana do médium e deixam agradáveis vibrações, e seu trabalho é realizado em dia e horários pré-estabelecidos, sendo que, como diz o Espírito Odilon Fernandes no livro “Mediunidade e Doutrina”, psicografia de Carlos Antônio Baccelli, e prefácio de Emmanuel, por Chico Xavier, os Espíritos podem de forma natural e espontânea dar mensagens fora deste contexto, mas não é a regra e, em o fazendo, não perturbarão ao médium.

“Uma entidade que não pertence a este mundo esteve presente junto a mim, inspirando-me no seu relato. Responde pelo nome de Adamastor e sentia a força de sua presença, impondo-me o seu pensamento e dirigindo ativamente o trabalho” (Idem).

Os Bons Espíritos não impõem seus pensamentos, eles os projetam e o médium os filtrará de acordo com a sua capacidade, sendo mais ou menos fiel ao pensamento do Espírito. Aconselhamos sobre este assunto de trabalhos literários, pelas vias psicográficas, a leitura do capítulo “O amigo Beletrista”, na obra “Devassando o Invisível”, de Yvonne Pereira.

Vejamos aqui resposta de Yvonne sobre psicografia, é de muito esclarecimento o que ela nos transmite:

RIE - Como e quando começou a psicografar?

Resposta de Yvonne Pereira:

Aos doze anos de idade eu já escrevia impulsionada pelos espíritos, sem, contudo, ter verdadeira noção do fenômeno. Sou criada em ambiente espírita desde o berço e por isso o fato nunca me impressionou. Sentia indomável impulso no braço e atordoamento, sem, no entanto, se verificar o transe, e isso fora mesmo de sessões práticas. Desejava parar de escrever e não conseguia. O fenômeno parece que se processava pela psicografia mecânica. E via o espírito comunicante, que se nomeava Roberto, afirmando ter vivido na Espanha, pelo século XIX. Nunca procurei desenvolver a mediunidade ou a provoquei. Apresentou-me ela, naturalmente, desde a infância. Apenas procurei imprimir-lhe o rumo conveniente, educando-me na moral evangélica e nas disciplinas recomendadas pela doutrina espírita. E comecei a psicografar livros ainda em minha juventude, recebendo o primeiro convite ao trabalho e as necessárias instruções do espírito Camilo Castelo Branco, que desde minha infância se revelou um grande amigo espiritual. Qualquer entidade que conceda uma obra psicografada convida o médium (não ordena) e fornece instruções. Sem esse convite será difícil, senão impossível, conseguir-se alguma coisa autêntica. Pelo menos é o que acontece comigo. (grifamos)

Fonte: Pelos caminhos da Mediunidade Serena/ Yvonne do Amaral Pereira – 1ª Ed., 1ª reimp. – São Paulo, SP: Lachâtre, 2007, págs. 24-26.

No Prefácio/Apresentação – que tem por título “A História de um Ícaro” – escrito supostamente pelo Espírito Bezerra de Menezes, há considerações duvidosas:

“(…) aproximando o curso dos fatos desta e da outra vida, unindo causas e efeitos, entretece a verdadeira sucessão da História, em sua lógica impreterível, quando vista sobre o prisma do espírito” (p. 20)

Perguntamos: Se o Carlos Vítor Mussa Tavares, o Carlinhos (filho de Clóvis Tavares), foi a reencarnação de Santos Dumont, conforme revelação de Chico Xavier a Clóvis Tavares, qual a necessidade deste livro? Os fatos já não teriam dito muito?

“Agradecemos ao esforço de todos por esta contribuição à História, mesmo que os homens da Terra **teimem** em não lhe reconhecer a inquestionável veracidade” (p. 21 – grifo meu).

Esta não é uma expressão condizente para um Espírito Superior, pois este não está preocupado se os homens o aceitarão ou não, sabe que a obra será realizada. Por outra, a “inquestionável veracidade” sobre a História espiritual de Santos-Dumont é a que foi revelada por Chico Xavier, Yvonne Pereira, Newton Boechat, Wallace Rodrigues e César Burnier (adiante falaremos sobre ela), que destoam do que nesta obra está escrito.

“(…) De forma que não podemos mais duvidar da possibilidade de regressão (grifei), representando, sem

dúvida, o maior dano que o espírito é capaz de se infligir” (Cap. 08 – Na Câmara dos Ovoides, p. 84).

Apesar de se estar falando de espíritos em estágio de ovoidização, o autor espiritual fala claramente neste texto que o Espírito pode regredir, afirmativa que vai de encontro às respostas dos Guias da Humanidade em “O Livro dos Espíritos” (vide a questão 193, 194 e o Capítulo V – Considerações sobre a Pluralidade das Existências).

“(…) Será, no entanto, recurso defensivo importante para a manutenção de seu equilíbrio. A medicina terrena ainda não se deu conta disso e trata de inibir, com insistência, essas importantes leucorreias, dificultando muitas vezes o trabalho de drenagem dos miasmas pestilentos” (Cap. 10 – A Bênção do Recomeço).

É informação dada apenas por um Espírito e um médium, sendo o médium Freire médico, o que será que pensa desta proposta anti-higiênica?

“(…) A contração máxima, como a vemos, era já esperada porque Alberto se defrontou com o meio adequado para isso, e a executou convenientemente. Se, no entanto, ele não tivesse sido acomodado no seio uterino, aí sim o processo lhe seria drástico, pois, terminaria, como já vimos, na ovoidização” (Cap. 10, p. 100).

Chico Xavier, Yvonne Pereira, Newton Boechat, Wallace Rodrigues e César Burnier jamais falaram sobre ovoidização no caso de Santos-Dumont. É estranho que cerca de 60 anos após a mensagem que

Dumont deu a Chico Xavier, precise se revelar o fato agora, pois a sua dolorosa reencarnação como Carlinhos (viveu 17 anos tetraplégico) já foi um grande exemplo e um testemunho da reencarnação. Será que verdadeiramente é preciso mais?

“(…) Somente entidades de altíssimo quilate evolutivo conseguem manipular à distância o desenvolvimento de sua forma, mantendo-se em relativa liberdade durante o processo” (Cap. 11 – Dias Atribulados, p. 106).

Tal informação contrasta com a questão 344 de “O Livro dos Espíritos” e com a questão 51 do item 284 de “O Livro dos Médiuns”. Um exemplo a dar é o de D. Laura, mãe de Lísias em “Nosso Lar”, que não mais precisava reencarnar e em o fazendo deixou aos parentes em “Nosso Lar” muito tristes com a sua “partida”. Outro fato digno de nota é o caso de Espíritos que revelam que iriam reencarnar e, ao o fazerem, já não mais dão comunicações. Podemos dizer ser este o caso do Espírito Emmanuel, guia de Chico Xavier, que, segundo consta, está reencarnado desde o ano 2000. Médiuns, que dizem receber Emmanuel e até psicografam livros, como é o caso do Wagner Gomes da Paixão, em Belo Horizonte, tem sido rechaçados por aqueles que conviveram com Chico de perto, como Eurípedes Humberto Higino dos Reis (filho de coração de Chico), Geraldo Lemos Neto, Nena Galves e outros.

“(…) notamos que a mente do facultativo não se mostrava acessível a qualquer tipo de inferência de nosso plano (grifei)” (Cap. 11, p. 110).

Este trecho é uma contradição com o que em seguida vai escrito.

“(…) Notávamos-lhe a sólida formação moral (grifei), rica de possibilidades para a devida orientação à nossa amiga, porém sua pressa e seu pouco interesse em se envolver com o caso tornavam-no completamente impérvio à nossa atuação” (Cap. 11 – Dias Atribulados, p. 111).

Muito estranha esta passagem, pois, justamente esta “sólida formação moral” é que torna o ser humano dócil às vibrações dos Benfeitores Espirituais e seria fácil a eles a inspiração ao médico citado como de “sólida formação moral”. E o médico, se realmente tivesse esta formação seria uma alma sensível e, por isso mesmo, auxiliaria a meretriz que lhe pedia socorro.

“Nosso sustento na vida ainda se baseia em inadequado vampirismo, praticado em refinadas expressões, sem nos darmos conta de que exercitamos, na verdade, um regime em oposição à Lei do Amor. Se insistimos neste estranho hábito de ingerir as vísceras de nossos irmãos inferiores, justificados por viciadas e pretensas necessidades biológicas, justo é estarmos, por nossa vez, sujeitos ao roubo exploratório de nossas biomassas doentamente surrupiadadas de outros. O amor e não a morte deve alimentar a nossa vida, se queremos de fato que a

felicidade habite nossa alma. A indústria da morte, sustentando nos séculos o vício do vampirismo, deve ser assim banida de nossa sociedade, a fim de que ela se harmonize com as Leis de Deus e a paz se estabeleça em seu seio. Sem dúvida que o homem encontrará diversas maneiras de prover a sua vida física no planeta, de forma eficiente e saudável, que não se baseie no extermínio de seus irmãos menores, maculando o puro amor que lhe consubstancia a alma divina” (Cap. 13 – Doloroso Transe, p. 123).

Este parágrafo ressuscita a defesa ferrenha do vegetarianismo que faz o espírito Ramatis no seu livro “Fisiologia da Alma”. Sobre o assunto vejamos o que diz o Espírito Lamennais na Revista Espírita de Dezembro de 1863: “o esquecimento da carne leva mais facilmente à meditação e à prece”. Entretanto, termina dizendo: “Pode ser-se bom cristão e bom espírita e comer a seu gosto contanto que seja razoável. É uma questão um tanto leviana para os nossos estudos, mas não menos útil e proveitosa” (grifos meus).

Lamennais diz que é uma questão leviana, isto é, não tem muita importância; e em que sentido ela é “não menos útil e proveitosa”? No sentido de que nos faz refletir sobre os nossos hábitos alimentícios em relação a como estamos usando os alimentos: com sobriedade ou com exagero? O que importa é o crescimento moral e não o deixar ou não de comer carne.

Já finalizando estes nossos comentários que vão longos, porém, necessários, e antes de deixarmos aqui as palavras do confrade Flávio Mussa Tavares, filho de Clóvis Tavares e irmão de Carlos Vítor Mussa Tavares, se faz necessário dizer que a obra de 450 páginas é um repertório de termos médicos e como o espírito Adamastor, conforme orelha do livro, "é o pseudônimo de um médico que viveu na França no final do século XIX e se transferiu para o Brasil, onde desencarnou em decorrência do abuso do álcool e do fumo, tendo sido recebido no plano espiritual como suicida (...) Até onde sabemos, seus trabalhos junto a nós têm se desenvolvido no Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Vítor, onde já se manifestou através de diversas mensagens de elevado teor, em nome de Bezerra de Menezes (grifei), algumas dirigidas ao Movimento da Fraternidade".

Um Espírito suicida pode se recuperar e escrever para trazer ensinamentos aos homens, foi o caso de Camilo Castelo Branco através de Yvonne Pereira que, além de outras obras de inegável valor doutrinário, nos legou "Memórias de um Suicida", e de André Luiz que, através de Chico Xavier, nos legou a sua lavra de "repórter do Além".

No caso em pauta, estamos a analisar a linguagem técnica em excesso do referido autor espiritual. Ou o espírito quer dar mostras de seu conhecimento científico, já que ele fora médico, ou o médium liberou conhecimentos pela via anímica, para nós sendo mais provável esta última hipótese, pois que os termos são

da moderna medicina e, por uma questão de identidade espiritual, o espírito poderia usar dos termos que sabia, diferente com o ocorrido a André Luiz, pois este escreveu pouco depois de sua desencarnação e os conhecimentos que possuía não estavam distantes do conhecimento que se tinha, já não se dá este fato com o espírito Adamastor, que se encontra desencarnado há mais de um século. O fato de ele ter aprendido no Além, diante do que lemos na obra, deixa claro se tratar de um espírito pseudossábio, inclusive enviando mensagens em nome de Bezerra de Menezes, quando vemos o próprio Bezerra – quando se trata de assuntos do Espiritismo e do Movimento Espírita – a irradiar seu pensamento como Espírito Superior que é, a diversos médiuns. Diante disto seria o Prefácio/Apresentação do livro escrito por Bezerra de Menezes, ou foi o espírito Adamastor que o escreveu usando o nome do “Médico dos Pobres” (método muito usado pelos espíritos que querem enganar é usurpar o nome de entidades venerandas) e, por isso, dizendo da “inquestionável veracidade” da obra?

Ao final da obra, o médium Freire coloca a mensagem que Santos-Dumont deu por Chico Xavier e, em nota, diz:

“(...) Ela (a mensagem) nos mostra que Santos Dumont já havia se recuperado, embora tivessem decorrido apenas 16 anos de sua trágica morte, tempo considerado curto, tendo em vista a habitualmente longa recuperação dos suicidas. O teor de suas

palavras nos atesta que ele se movia rumo à aquisição de nobilitantes conquistas, sobremodo distanciadas dos antigos interesses que o motivaram na vida física, comprovando-se as revelações aqui expostas”.

Em realidade, as palavras de Santos-Dumont não comprovam as “revelações” desta obra, haja vista que a família do saudoso Professor Clóvis Tavares, onde Santos-Dumont encarnou, sendo o Carlinhos, contesta veementemente as “revelações” desta obra. Por outra, a afirmativa de que Santos-Dumont já havia se recuperado, embora tivessem decorrido apenas 16 anos de sua trágica morte (...)”, contrastam com a revelação de Chico Xavier a Clóvis Tavares “de que Santos Dumont, desde 1936, era um dos mais devotados Amigos Espirituais de nossa Escola Jesus Cristo” (TAVARES, Clóvis. Trinta Anos com Chico Xavier. 7. ed. Araras, SP: IDE, 2008. p. 152).

Se Dumont já era Amigo da Escola Jesus Cristo e “um dos mais devotados”, desde 1936, peca o médium Freire em dizer que Santos Dumont recuperou-se 16 anos depois, antes disto, ele já estava ativo no Mundo Espiritual. Ainda sobre o assunto, vejamos a nota que o Dr. Flávio Mussa Tavares colocou à página 67 do livro “Rocha dos Séculos”, 1ª edição, Campos, RJ: Escola Jesus Cristo, 2008:

“É importante revelar aqui que o nobre espírito Santos Dumont comunicou-se também pelo mesmo médium, com o pseudônimo de Lill, escrevendo particularmente a Clóvis Tavares. Estas comunicações

estão inseridas no livro “A Morte é Simples Mudança”, onde estão também as poesias de Carlos Vítor, o Carlinhos, filho primogênito de Clóvis Tavares. Ele sofreu como Carlinhos, uma expiação voluntária de seu intento contra a vida na pessoa do Pai da Aviação. Acrescento aqui esta nota, pois a literatura espírita mediúnica está produzindo textos que aludem a uma situação espiritual negativa de Santos Dumont que é absolutamente diferente das informações coincidentes que temos através das mediunidades de Chico Xavier, Yvonne Pereira, Wallace Rodrigues, César Burnier e Newton Boechat. Como Allan Kardec ensinou-nos que devemos balizar-nos pela Universalidade do Ensino dos Espíritos, segue-se que qualquer comunicação que sugira a Santos Dumont uma situação espiritual diferente da observada pelos médiuns supracitados seja apócrifa”.

Nota:

Os livros mediúnicos que aludem a uma situação negativa de Alberto Santos Dumont são “Ícaro Redimido” (objeto de nossa análise) e “O Voo da Esperança”, psicografado pelo médium Woyney Figner Sacchetin e é atribuído ao espírito Santos Dumont.

Sobre esta obra e a polêmica criada a partir dela, envolvendo a Justiça, vejamos:

Livro Voo da Esperança

A Folha de São Paulo publicou no seu site uma notícia sobre o desdobramento do caso do livro O Voo

da Esperança, escrito pelo médium Woyne Figner Sacchetin e de autoria atribuída ao Espírito Santos Dumont. Segundo a notícia, publicada no dia 8 de janeiro último, a notificação judicial está direcionada apenas ao médium e não cita uma possível responsabilidade solidária da editora Lachâtre, responsável comercial pela publicação e distribuição do livro. Antes que o livro possa ser recolhido por ordem da justiça, o site também aproveita a notícia para oferecer a obra aos clientes da livraria.

Médium some e Justiça atrasa decisão sobre livro que culpa vítimas de tragédia

Um endereço errado vai provocar a demora na decisão da Justiça sobre o pedido de recolhimento do livro "O Voo da Esperança", do médium Woyne Figner Sacchetin, sobre as vítimas da tragédia com o voo 3054 da TAM, no aeroporto de Congonhas (SP), em 2007.

O fórum de São José do Rio Preto (SP) não consegue localizar o médium para que ele se defenda antes de o juiz se manifestar sobre o caso. A solicitação para tirar o título do mercado foi feita pela professora Carmem Caballero, que perdeu a mãe e duas filhas no pior acidente da aviação civil do país (199 mortes).

No livro, o médium sustenta que os passageiros morreram porque foram algozes em uma vida passada, e isso teria sido ditado pelo espírito de Santos Dumont (1873-1932). A professora se sentiu ofendida e também pede uma indenização por danos

morais correspondente a mil salários mínimos (R\$ 465 mil, em valor atual).

Na última sexta-feira (8), o fórum registrou que descobriu o endereço correto do médium, mas "o mesmo encontra-se viajando". O advogado Marco Aurélio Bdine, que defende a professora Carmem Caballero, disse à Livraria da Folha que o médium terá um prazo de 15 dias para apresentar sua defesa, o que significa que a decisão do juiz só deve sair no final deste mês.

A tragédia ocorreu no dia 18 de julho de 2007, quando um Airbus-A320, vindo de Porto Alegre (RS), saiu da pista de Congonhas, cruzou a av. Washington Luis e bateu no prédio do depósito da TAM, provocando um incêndio e a morte de 199 pessoas.

Os restos mortais da mãe de Carmem foram os últimos a serem identificados. Professora aposentada, ela morava em São José do Rio Preto e tinha viajado ao Sul com as duas netas.

Paulista de Olímpia (434 km da capital), Sacchetin é médico oftalmologista e, entre seus livros espíritas, está "JK, Caminhos do Brasil" (Lachâtre, 2006), apresentado como depoimento do espírito do ex-presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976).

Sobre esta obra atribuída a Juscelino Kubitschek é válido ler a crítica da obra no site: http://www.orientacaoespirita.org/critica_30.htm.

Pesquisa Espírita – Uma necessidade

As pesquisas científicas do Espiritismo demonstram de forma clara a sobrevivência do Ser, no entanto, poucos são os que se tem dedicado a este mister. Em nosso país, temos alguns Institutos que se dedicam às pesquisas, como o Instituto de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), iniciado pelo saudoso Hernani Guimarães Andrade, autor de A Teoria Corpuscular do Espírito. Qual seria a razão de, digamos certo desprezo pelo aspecto científico e experimental da Doutrina em nosso país? Uma das possíveis respostas é de que, sendo o povo brasileiro muito voltado às questões religiosas, o Espiritismo na Pátria do Evangelho foi desde o seu início compreendido mais em seu aspecto religioso. No entanto, a Espiritualidade Maior não deixou órfão este aspecto da tríade que é a Doutrina Espírita: Ciência, Filosofia e Religião. A notável obra do Espírito André Luiz é um manancial de informações científicas a corroborarem recentes pesquisas, como tão bem mostraram a Dra. Marlene Nobre e o Dr. Décio Iandoli Jr. em palestras no III Congresso Espírita Brasileiro.

Pesquisas sobre a glândula pineal e sua relação com os fenômenos mediúnicos; lobo frontal e espiritualidade; meditação; possessão, são alguns dos temas estudados por alguns acadêmicos que têm

levado seus resultados pelo mundo afora, temas estes encontrados fartamente nas obras de André Luiz. Fica uma pergunta: E as sessões de materialização, por que não são mais realizadas? Seria pelo fato de que a Espiritualidade desejar que o ser busque apenas na luz da razão e não com os olhos a certeza da imortalidade? Estudando o livro do pesquisador Alfred Erny – O Psiquismo Experimental, encontramos o seguinte sobre o assunto:

“(...) Esses fenômenos eram bem conhecidos na antiguidade, ao menos pelos iniciados dos Templos (no Egito, na Caldeia, na Índia, etc.) e mesmo pelos membros da Rosa-Cruz e outras sociedades secretas. Há muito pouco tempo, há trinta e cinco anos, foi que se tornou possível a sua reprodução. E por que não antes?

As razões deste fato são muito delicadas, e parece preferível abstermo-nos de explicá-las. Neste momento [século XIX], as condições são favoráveis, mas nada prova que um novo estacionamento não se possa produzir” (p. 103. 4. ed. FEB).

Realmente, estamos em um momento, desde a 2ª metade do século XX, em que os fenômenos de materialização estacionaram, havendo raras informações isoladas sobre alguns trabalhos, mas nada que represente algo como as materializações ocorridas com a médium Ana Prado, com o médium Peixotinho, com Carmine Mirabelli ou com Eusábia Paladino. No livro Missionários da Luz, o Espírito André

Luiz nos dá a resposta sobre este estacionamento neste tipo de fenômenos:

“Se houvesse perfeita compreensão geral, respeito aos dons da vida, e se pudéssemos contar com valores morais espontâneos e legitimamente consolidados no espírito coletivo, essas manifestações seriam as mais naturais possíveis, sem qualquer prejuízo para o médium e assistentes”.

O Espírito Adolfo Bezerra de Menezes em nota ao seguinte trecho do livro *A Tragédia de Santa Maria*: “Alguns minutos se passaram entre silêncio augusto e pensamentos unificados em dúcidas vibrações de fraternidade... Logo após, vimos, respeitosos, algo chocados e muito enternecidos, que, na penumbra que se estabelecera, a mão de Esmeralda, reconhecida por seu próprio pai, como também por mim, oscilou gentilmente sobre a mesa, acariciando as cãs prematuras que ornavam a cabeça do antigo senhor de escravos...” – escreveu: “Fenômeno como esse, pouco comuns nos dias atuais, eram frequentes outrora, quando a vera dedicação impelia os congregados. Depende destes reaver a possibilidade de obtê-los novamente” (grifo nosso – PEREIRA, Yvonne A. *A Tragédia de Santa Maria*. Pelo Espírito Adolfo Bezerra de Menezes. 3. ed. FEB, RJ: 1957. P.226).

Depreende-se, pelos dizeres e advertências dos Espíritos, que é possível a realização dos fenômenos de materialização, desde que nos dediquemos e busquemos uma vida ornada da reta moral. Em

relação à dedicação é interessante observarmos o que sobre isto fala o Professor Humberto Vasconcelos:

“(...) Não há, entre os espíritas, postura científica. Os fenômenos ocorrem, ou deixam de ocorrer, sem que ao menos um processo de registro formal seja feito, em franca oposição ao comportamento do codificador e seus seguidores mais próximos, graças a cujo empenho e disciplina temos hoje o monumento notável da obra kardequiana” (VASCONCELOS, Humberto. Materialização do Amor: vida e obra de Peixotinho. 3. ed. revista e atualizada. Recife: Gráfica Barreto, 2011.p. 118).

Prece: somente um ato religioso?

“Quando se diz que um médico opera a cura de um doente, por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, pois que um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico, tanto quanto sobre o moral” (KARDEC, Allan. A Gênese. 37.ed. FEB, RJ: 1944. Cap. XIV – item 20. p. 287).

Diante da incompreensão da lei dos fluidos, muitas pessoas ao lerem e ouvirem sobre a necessidade da oração, tem em seu íntimo um sorriso de indiferença ou de desdém. O Espiritismo, que busca a razão de ser das coisas, traz, pelas pesquisas realizadas tanto com os Espíritos como pela Ciência, o seu parecer em relação ao ato de orar e seus efeitos.

No item 20 do capítulo XIV – Qualidade dos Fluidos, do livro A Gênese, diz Allan Kardec:

“O pensamento, [...], produz uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral, fato este que só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem o sente instintivamente, visto que procura as reuniões homogêneas e simpáticas, onde sabe que pode haurir novas forças morais, podendo-se dizer que, em tais reuniões, ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como recupera, por meio dos alimentos, as perdas do corpo

material. É que, com efeito, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda real de fluidos espirituais e, conseqüentemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa retemperar-se com os eflúvios que recebe do exterior”.

Vemos aí o quanto o pensamento responde pelo nosso bem-estar espiritual e material. Confirmando e reforçando a assertiva de Kardec temos o seguinte fato:

“Realizada pelo Laboratório de Imunologia Celular, da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, durante o período de 2000 a 2003, a pesquisa apresentou resultados positivos no aumento da estabilidade celular dos indivíduos que receberam a prece.

A importância desses efeitos é ainda maior quando tomamos contato com a metodologia aplicada. Denominada duplo cego, o método não dava conhecimento aos participantes do projeto (inclusive os pesquisadores) sobre quem recebia a prece. Os alunos de medicina foram submetidos à avaliação clínica e psicológica e cederam uma foto 3x4 com seu primeiro nome. Apenas 26 tiveram as fotos entregues aos grupos de oração; os demais não receberam qualquer oração em seu benefício. No final, a constatação: as células de defesa dos alunos que não receberam prece permaneceram sem qualquer alteração.

Carlos Eduardo Tosta, professor titular de Imunologia e coordenador do projeto, declarou:

“Quando interpretamos os dados, observamos que a prece teve o papel de induzir equilíbrio e isso faz sentido, já que em medicina equilíbrio é sinônimo de saúde. A prece atua sobre indivíduos sadios, influenciando o sistema imunológico” (Revista Universo Espírita. n. 19. Ano 2 – 2005. Reportagem de Kátia Penteado: Efeitos da prece na saúde. p. 56).

Além das pesquisas sobre o efeito da prece na saúde física, o Espiritismo amplia o campo de ação da prece ao exortar sobre a necessidade da oração para os nossos irmãos já fora do corpo físico. No livro Ressurreição e Vida, psicografia de D. Yvonne Pereira, o Espírito Léon Tolstoi relata:

“Passados alguns minutos, no entanto, assaltou-me a sensação de estar rodeado de ouvintes atentos, os quais se sentavam pelos degraus da escada, ao pé de mim, sobre os canteiros de relva e os bancos mais próximos. Mas, como a insólita sensação nada alterasse na excelente disposição que me animava, prossegui na leitura, vagorosamente, avançando pela descrição das parábolas, das curas dos cegos, dos paralíticos, dos leprosos.

Não obstante estivessem meus olhos baixados sobre as páginas do livro, eu observava que o número de ouvintes aumentava, que olhares atentos se fixavam em mim sequiosos das palavras que me caíam dos lábios, e que aqueles olhares resplandeciam esperanças, desejos de que a sedutora figura do Nazareno, com mais profundidade e clareza, lhes fosse apresentada através das próprias ações deste em

torno dos sofredores. Então, eu folheava o livro, procurava trechos em que a palavra do Senhor fosse mais concludente e persuasiva e recitava os versículos, entusiasmando-me, também eu, pelos ensinamentos grandiosos que colhia, sem, todavia, me dar verdadeira explicação do que acontecia, sem prestar a devida atenção ao transcendente e belo fenômeno que se verificava, alheio ao fato, por assim dizer, embora percebendo através das funções da consciência, por me encontrar num estado intermediário (transe parcial), durante o qual o homem poderá viver apercebendo-se dos acontecimentos próprios dos dois mundos em que, na verdade, se agita – o terreno e o espiritual” (Ressurreição e Vida/ [ditado] pelo Espírito Léon Tolstoi; [psicografado por] Yvonne Pereira. 2. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009. O Segredo da Felicidade. p. 237).

Em nota ao trecho citado acima diz:

“Fenômeno comum aos médiuns, quando concentrados nas leituras doutrinárias. Eles se tornam, então, como que explicadores, ou doutrinadores, de entidades invisíveis sedentas de consolo e justiça, as quais se abeiram deles em tais ocasiões, conduzidas pelos protetores espirituais, e aproveitam dos ensinamentos consultados. Dessa forma, um médium bastante desenvolvido e bem assistido poderá encaminhar muitas almas sofredoras para o progresso, e frequentemente o faz” (Idem, ibidem).

Colocado isto, temos na prece recurso para a saúde física, o restabelecimento moral, doutrinação de

desencarnados tanto os que se encontram em estado de perturbação quanto os que deliberadamente buscam prejudicar este ou aquele encarnado.

Uma pergunta que fica é: qual a maneira de orar? A oração é para louvar, pedir e agradecer, conforme nos ensinam os Benfeitores Espirituais (O Livro dos Espíritos, questão 659). O que importa no ato de orar é o sentimento, daí a preferência pelas preces espontâneas, pois nas preces lidas ou decoradas muitas vezes o coração não toma parte por se constituir um ato mecânico, além de dar ensejo ao que nos chama atenção o Benfeitor Camilo: "Orar com sobriedade, sem encenações ou impostações prejudiciais, que apenas desajustam o clima psíquico do ambiente, sem qualquer utilidade" (Correnteza de Luz: obra psicografada por José Raul Teixeira/ ditado pelo Espírito Camilo. Niterói, RJ: Fráter Livros Espíritos, 1999. p. 114).

O mesmo Benfeitor Espiritual pelo mesmo médium alerta em outra obra:

"Tens orado ou tens-te limitado a encenações teatrais que, se sensibilizam os que te ouvem, não conseguem repercutir nas telas do Invisível?"

Muitas vezes deparamos situações em que os humanos asseveram estar orando e nada conseguindo com suas preces. Vale a pena uma pausa avaliadora a fim de verificares se, o que vai chamado de oração, não passa de compulsão verbal, sem reflexão, sem suavidade, sem que esteja confirmada pela prece da vivência digna e fiel às eternas Leis de Deus"

(Revelações da Luz, psicografado por José Raul Teixeira/ ditado pelo Espírito Camilo. Rio de Janeiro: Fráter Livros Espíritas, 1994. p. 135.)

A prece deve ser um ato de sobriedade e serenidade, recolhimento é palavra-chave neste ato. Se pudéssemos observar as formas de pensamento que se exteriorizam da mente de uma pessoa concentrada em oração, ficaríamos admirados das claridades daí advindas. Recomendamos para este estudo as obras Pensamento e Vontade, do eminente psiquista Ernesto Bozzano e Formas de Pensamento, dos teósofos C.W. Leadbeater e Annie Besant.

Fica concluído que a prece não é um simples ato religioso, mas um excelente auxílio à Medicina terrena e para os nossos Espíritos em trânsito de experiências.

“Orar sempre e nunca desfalecer” (Lucas: 18:1)

Imortalidade

Desde os tempos de nossos ancestrais, o homem carrega a inquietação quanto à vida de além-túmulo. Ela existe? E se existe, como ela é? Todos irão para o mesmo lugar ou cada qual irá para onde os seus méritos ou deméritos o levarem? São perguntas que atormentam mesmo o homem moderno com todas as respostas que a Ciência oferece para n situações.

A questão que aqui se apresenta é como e de que forma o homem primitivo percebeu que era uma dualidade. A explicação mais aceita pelos estudiosos é a de que esta percepção se originou de sua experiência com os sonhos.

“Não é nada improvável que a noção dos selvagens sobre os fantasmas (ou espíritos) tenha se originado principalmente de sua experiência com os sonhos, sendo esta explicação mais aceita presentemente. O guerreiro adormecido viaja amplamente pela região, enquanto caça o búfalo e se junta à dança mágica com camaradas que já morreram, mas que, não obstante, se mostram tão ativos e loquazes quanto ele próprio; mas de repente a cena muda e ele se vê de volta à sua cabana familiar, cercado por seu povo que pode testemunhar que ele não os deixou nem sequer por um momento. Não é improvável, digo eu, que a noção de que o “eu”

consciente é algo que pode deixar o corpo material e para ele retornar, possa ter começado a existir por motivo dessas humildes experiências, bastante repetidas” (FISKE, 1995).

A partir dessas experiências que fundamentaram a noção de imortalidade neste homem, a sua vida passa a ter um novo sentido. Quando ocorre o “sono profundo” (a morte) entre eles, com a certeza que carregam agora que o outro vive, preparam todos os objetos que o morto usava e deixam junto ao seu corpo, pois ele deles precisará em sua nova vida. É o início dos ritos funerários (1).

Todas as civilizações tiveram a sua crença num outro mundo, com os seus deuses a conviverem com os homens e a puni-los ou premiá-los pelos seus atos. São estes deuses os responsáveis pela criação do mundo, do homem e de seu destino. É o período dos mitos cosmogônicos. O mito é uma grande força no tempo das sociedades primitivas, é ele que explica aos povos a razão de sua existência.

No avançar da história da humanidade, temos entre o IV e o III milênios a. C., sociedades onde a escrita está presente e a sua organização se faz por parte de um governo centralizado que mantém a estrutura hierárquica da sociedade (cf. BORGES. O Que é História, 1980). Neste período destaca-se a civilização egípcia por sua organização e, em especial, pelo seu fantástico mundo religioso. A história desta civilização fascina a humanidade até hoje. O Egito Antigo com suas pirâmides, sua cultura e seu panteão

de deuses, é considerado terra de mistérios, e muitas teorias já foram engendradas para explicar os arcanos desta terra fascinante, dentre elas, há a do pesquisador Erick von Däniken, exposta nos livros "Eram os deuses astronautas?" e "De Volta às Estrelas", onde tenta provar que os grandes feitos desta civilização e de muitas outras foi devido à ajuda de extraterrestres. Tal teoria reduz tudo a este fato e faz cair no descrédito pesquisas feitas por arqueólogos, geólogos, historiadores e egiptólogos, pesquisadores sérios que não se deixam levar por reducionismos, como é o caso de Däniken (2). Voltemos à terra dos Faraós.

Os egípcios, tal como outras tribos primitivas, praticavam o animismo, por volta de 3000 a. C. Junto ao desenvolvimento da civilização, ocorre o desenvolvimento da religião egípcia. Os deuses egípcios trazem os resquícios do animismo em suas formas zooantropomórficas. Uma das características da religião egípcia é a sua preocupação com a imortalidade. O maior exemplo desta importância se encontra no mito de Osíris:

"(...) Conta a lenda que Osíris, filho de Gheb (terra) e marido de Ísis, ensinou aos homens a agricultura (principal atividade econômica do Antigo Egito). Ele era o soberano dos habitantes do Nilo e induziu os súditos a viverem em paz, sem destruírem-se mutuamente. Para conseguir isso, ensinou-lhes a trabalhar a terra, a cultivar as parreiras e, assim abandonar a vida nômade.

Ísis, a irmã-esposa, curava as doenças, expulsava os espíritos malignos com magias, fundou a família, ensinou os homens a fazer pão e as mulheres a tecer e a bordar. Os dois juntos teriam fundado a civilização egípcia. Segundo as narrativas históricas, o irmão de Osíris, Seth, tomado de ciúmes, afogou-o no rio Nilo e depois o esquartejou e espalhou seus pedaços pelo Egito.

Ísis recolheu todos os pedaços, refez-lhe o corpo e o ressuscitou, tornando ele a viver no céu. Hórus, seu filho com Ísis, mata Seth, vingando Osíris, e, como prêmio, recebe o trono do Egito. Esta lenda, além de justificar a divindade dos faraós, que são descendentes de Osíris, representa, através do retorno de Osíris à vida, a imortalidade da alma e a reencarnação” (VIEIRA, 2005).

A ideia de imortalidade dos egípcios continha noções complexas sobre a constituição do ser humano; para eles os homens possuíam um corpo físico (khat), a alma (ba) e um corpo espiritual (ka). Ao morrer a alma encontrava-se com Osíris no mundo espiritual e por ele seria julgada e, de acordo com as ações boas ou más praticadas, ela iria para um local bom ou ruim. Esta vida, entretanto, não é eterna, a alma haveria de reencarnar-se para nova vida na Terra. Apesar de a alma fazer parte do conceito religioso do Egito Antigo, a imortalidade desta se faz presente no corpo físico. Como Osíris reviveu em seu corpo, assim também o homem haveria de reviver infinitas vezes em seu corpo, daí a crença na

reencarnação, que, entendida como a volta da alma no corpo que havia deixado, foi a base para os cuidados que tinham os egípcios para a conservação do cadáver.

A civilização egípcia tinha tal preocupação com a vida eterna, que a busca por ela, fez os egípcios organizarem-na em termos concretos, isto é, a vida de além-túmulo seria cópia melhorada da vida terrena. Falemos agora da civilização mesopotâmica, seus deuses e suas realizações.

Os deuses da Mesopotâmia têm sua origem em dois princípios originários: Tiamat (princípio feminino) e Aspu (princípio masculino). Marduk, o último dos deuses, luta contra os outros que o precederam e vence. Após a vitória, ele forma o mundo com o corpo de Tiamat. Marduk é o criador dos homens e deus da capital Babilônia. Alguns veem nesse mito a criação dos homens pelos deuses para que estes os alimentem através de seu trabalho. Tal fato justificaria de forma parcial a visão pessimista dos mesopotâmicos frente ao mundo e, explica porque o homem não poderia obter a vida eterna, ou seja, a imortalidade (cf. BORGES, op, cit., 1980).

Por volta de 3.400 a. C., os mesopotâmicos teriam se infiltrado no Egito. Com essa infiltração, os egípcios muito ganharam no desenvolvimento de novas tecnologias e ideias. A escrita mesopotâmica de formato cuneiforme, muito provavelmente influenciou os egípcios quanto à sua forma de registrar os fatos.

A civilização mesopotâmica irradiou sua cultura para muitos povos, a escrita, os mitos, os conhecimentos atingiram a Palestina, a Pérsia, o mar Egeu, chegando até mesmo à Índia.

Enquanto a civilização egípcia vivia em prol do mundo de além-túmulo, os mesopotâmicos, sem preocupação com o pós-morte, se dedicaram a várias áreas do conhecimento humano, muitos dos quais permanecem até hoje em nossa cultura, quais a divisão do dia em 24 horas e da hora em 60 minutos e o consequente calendário, que sofreu mudanças no decorrer das eras; os horóscopos de hoje têm suas raízes nesta civilização e conhecimentos práticos quanto à construção de templos, palácios e canais de irrigação.

Estas duas civilizações – Egito e Mesopotâmia – uma voltada para os céus e outra voltada para a Terra, respectivamente, podemos falar, são as origens de um pensamento voltado para a busca do conhecimento em sua totalidade dual, espiritual e física, haja vista que a viagem de Pitágoras ao Egito (3) o fez levar para a Grécia os mistérios lá ensinados e logicamente o auxiliou o desenvolvimento de suas concepções matemáticas, concepções essas que os egípcios com a infiltração dos mesopotâmicos também apreenderam destes por sua vez.

A civilização grega do século V a. C. começava a deixar os mitos e buscar as respostas da vida em si mesmos. A palavra mito vem do grego mythos, e deriva de dois verbos: mithey (contar, narrar, falar

alguma coisa para os outros) e *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). O mito para os gregos é uma narrativa feita em público e baseada na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador.

Mas quem narra o mito? O poeta rapsodo. Os gregos acreditavam que o poeta era um enviado dos deuses e que estes lhe mostram os acontecimentos passados, permitindo que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para transmiti-la aos ouvintes. Desta forma, o mito é uma revelação divina, portanto, incontestável e inquestionável (cf. CHAUI, Convite à Filosofia).

Numa civilização tão rica de deuses como a grega, o advento da filosofia é o início da vitória da razão contra a fantasia. Essa vitória não se daria da noite para o dia, apesar de já não mais se acreditar nos deuses a dividir o espaço com o homem, as religiões de mistério surgidas com os primeiros filósofos “proporcionaram uma ideologia às massas camponesas sem posses, mineiros e escravos, prometendo-lhes a salvação, o bálsamo espiritual para as suas angústias materiais e econômicas (...). Mas, os caminhos para a salvação consistiam principalmente em ritos mágicos – iniciações e purificações tomadas de empréstimo do totemismo – ritos teatrais de fertilidade procedentes de bárbaros rústicos, tais como os que haviam assegurado a imortalidade primeiro ao faraó e posteriormente a todos os egípcios que podiam custeá-los” (4). Foi necessário um intervalo de praticamente um século desde Pitágoras (571-496 a.

C.) a Sócrates (469-399) a. C.), para que a filosofia saísse dos templos e se estendesse ao povo sem os ritos e formalidades das religiões de mistério.

Sócrates não deixou nada escrito, mas seus discípulos registraram seus ensinamentos para a posteridade, contribuíram para tal Xenofonte, Aristófanes, Antístenes, Platão e Aristóteles (que não conheceu Sócrates pessoalmente, mas através de seu mestre Platão). Segundo alguns estudiosos o discípulo que traduziu fielmente a doutrina de Sócrates foi Antístenes, porém, quem lhe imortalizou a obra foi Platão, que deixou-nos várias obras em que Sócrates está vivo e podemos nos deleitar na análise de sua doutrina (5).

A ideia de imortalidade que fazia Sócrates não tem nada que ver com os antigos mitos, como precursor das ideias cristãs e do Espiritismo, como nos fala o insigne Allan Kardec. Sócrates deixou-nos conceitos que o Cristianismo e o Espiritismo também expressam. Para um estudo aprofundado do que afirmamos, aconselha-se a leitura do item IV da Introdução de "O Evangelho segundo o Espiritismo" – Sócrates e Platão precursores da ideia cristã e do Espiritismo. A partir de Sócrates a História da Filosofia não seria a mesma (6).

O conceito de imortalidade colocado como surgido no cérebro de um primitivo e através da experiência do sonho, comum a todos os homens, pode ser considerado, como dizem, como dizem os materialistas, uma prova de que a fé e o conceito de vida eterna são coisas risíveis, pois a sua origem é

proveniente de falsas interpretações de mentes incultas, não sendo tais conceitos dignos de estudo por homens de ciência.

O homem primitivo com sua mente infantil, obviamente não podia alcançar as implicações que a sua experiência tinha para a vida. Já nós, homens modernos, que vivemos num mundo onde a informática e o conhecimento se encontram a qualquer hora e momento, não haveremos de julgar tais conceitos de maneira a ridicularizá-los, pelo contrário, compreende-se que a interpretação do primitivo está "errada" em relação ao conceito de sonho, mas que a noção de imortalidade é a verdade que se depreende das experiências deste. Os sonhos não são apenas símbolos do inconsciente, se assim fosse, que dizer dos sonhos premonitórios? Este fato é suficiente para estudos profundos da psique humana. Homens destemidos como o Dr. Joseph Banks Rhine dedicaram-se a estes estudos. Rhine declarou corajosamente: "Nada em toda a história do pensamento humano – heliocentrismo, evolução, relatividade – foi mais verdadeiramente revolucionário ou radicalmente contraditório para o pensamento contemporâneo do que os resultados da investigação da psiprecognitiva" (7).

Allan Kardec na parte segunda, capítulo VIII de "O Livro dos Espíritos" – Da Emancipação da Alma, faz 54 perguntas aos Espíritos sobre sono, sonhos, telepatia e ao final faz um excelente estudo sobre o sonambulismo, o êxtase e a dupla vista (8). Estes

fenômenos por si sós já seriam suficientes para provar ao homem a existência da alma, mas o orgulho humano dá a eles pouca atenção, considerando-os produtos do cérebro ou desequilíbrio da mente, por isso, as manifestações mediúnicas são a prova incontestada da imortalidade da alma e da vida futura. Em toda a sua obra Kardec fala de como fica a situação dos espíritos no além dependendo de como foi a sua estada na Terra, porém, as obras que mais nos esclarecem a respeito são "O Céu e o Inferno" e a "Revista Espírita" (9), por trazerem as evocações feitas por Kardec e as comunicações espontâneas dos espíritos. É imprescindível ao espírita o estudo de tais obras e a observação dos fatos, sejam os mediúnicos ocorridos nas reuniões ordinárias na casa espírita ou os casos de sonhos premonitórios, pressentimentos, etc. Certo é que não ficaremos à caça dos fatos (10), entretanto, o Espiritismo, diz Kardec, não é uma ciência fácil, devendo o observador estar atento aos detalhes os quais muitas vezes passam despercebidos.

O Espiritismo toca em um ponto crucial para o homem, levando-o a encarar a vida sob outro ponto de vista (12). A vida futura sempre foi alvo dos estudos dos teólogos, filósofos, historiadores e de estudiosos de outras ciências correlatas, entretanto, apenas a teorização e as pesquisas bibliográficas não são suficientes para promover a convicção desta, ao contrário, tais pesquisas não raras vezes fazem o homem se perder em divagações, permanecendo a sensação de vazio e desorientação. Jamais seremos

contra as pesquisas, pois seria um contrassenso falarmos de estudos e ao mesmo tempo desmerece-los, fazemos tal ressalva apenas por percebermos o quanto os pesquisadores e estudiosos não chegam à uma conclusão final dos estudos que empreendem, ou então, consideram a vida futura fruto da fértil imaginação humana, enquanto outros aferram-se a um triste fundamentalismo. O caráter mediúnico da Revelação Espírita fornece nova luz aos estudos sobre as origens da religião, dando a perceber ao estudioso conceitos iguais em essência nos livros sagrados das mais diversas religiões (13). Claro é que os estudiosos fazem comparações, mas estas estão presas às formas ficando esquecida a essência, cabe ao Espiritismo retirar o homem da caverna e pô-lo em contato com o Sol da verdade, isto é, dar-lhe a compreensão do por que da vida, somente com esta compreensão o homem possibilitará um mundo de amor e fraternidade, que nada mais é que nosso dever (14).

Notas:

1 – Ritos Funerários

Geoffrey Blainey esclarece:

“(…) Evidências que chegaram até nossos dias sugerem que muitos humanos esperavam renovar sua existência em uma vida após a morte; a viagem para essa nova vida requeria acessórios ou indicativos do status de cada um, e os itens escolhidos eram arranjados ao redor do corpo no túmulo. Em Sunghir,

na Rússia, cerca de 28 mil anos atrás, um homem de aproximadamente 60 anos de idade teve seu corpo adornado com mais de dois mil fragmentos de marfim e de outros ornamentos. Atingir 60 anos de idade deve ter sido algo digno de veneração, pois a maioria dos adultos morria muito mais cedo.

Em outro túmulo, enterrada ao lado de um homem, uma adolescente fora vestida com um chapéu de contas e um provável manto, do qual o único vestígio é um alfinete de marfim que o teria prendido ao pescoço da menina. Seu corpo estava coberto com mais de cinco mil contas e outros enfeites. O longo tempo que os amigos ou a tribo inteira levaram para preparar essas decorações e o cuidado que tiveram para arrumar o túmulo são um sinal de que a morte era tão importante quanto a vida (Uma Breve História do Mundo. 2. ed. SP: Fundamento, 2008).

Gordon Childe observa:

“No Egito, as representações da vida numa propriedade mortuária – a semeadura, a colheita, a construção de barcos, até os esportes dos camponeses – pintadas nas paredes do túmulo, proporcionavam ao morto proprietário o gozo de seus produtos” (O Que Aconteceu na História. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996. p. 145).

2 – Citamos Däniken como exemplo de uma proposta pouco racionalizada. As suas hipóteses não são levadas em conta hoje, justamente por reduzir todos os fenômenos incompreendidos pela arqueologia como provindos de criaturas extraterrestres, o mesmo

se dá com certos trechos da Bíblia, por exemplo, o “arrebatamento” do profeta Elias, que a mediunidade devidamente estudada pelo Espiritismo é a chave que explica a visão que teve o profeta Eliseu e diversos outros fatos descritos no Antigo e Novo Testamentos. Na Codificação encontramos as explicações lógicas por estes diversos fenômenos.

3 – Pitágoras e o Egito.

Escreve Gordon Childe:

“(...) os filósofos gregos não dependiam exclusivamente de suas observações – deviam conhecer as realizações da ciência babilônica e egípcia. No tocante à Aritmética, Geometria e Astronomia, a ciência grega levantou-se sobre as bases estabelecidas no Nilo e no Eufrates. Tales, o primeiro filósofo da Natureza, era meio fenício, segundo a opinião corrente, e julga-se que tenha estudado Geometria no Egito. Acredita-se também que Pitágoras aprendeu Geometria no Egito.

Ele e seus discípulos certamente realizaram o estudo da Matemática, mesmo que frequentemente o fizessem com propósitos místicos e mágicos (...) (CHILDE, op.cit., p.227).

4 – CHILDE, op. cit., p. 224.

5 – TAVARES, Leonardo Machado. A Sabedoria de Sócrates e o Cristianismo Redivivo. Araras, SP: IDE, 2008. p. 41.

6 – Sócrates e a História da Filosofia

“(...) ele fora tão grande e tão importante que dividira a história da filosofia em duas partes, antes e

depois dele, eis por que os filósofos são considerados, após sua existência, pré ou pós-socráticos (Ibid., p. 37).

7 – APUD: LOUREIRO, Carlos Bernardo. IN: Das Profecias à Premonição: passado, presente e futuro se fundem para constituir a eternidade. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

8 – Emancipação da Alma –é um capítulo de O Livro dos Espíritos que nos traz a chave para a compreensão de fenômenos simples como os sonhos e, ao mesmo tempo, colocando a extensão que têm tais fenômenos na compreensão do homem a respeito da vida futura.

Fala André Luiz no livro Os Mensageiros – cap. 38:

“(…) Pensei no longo esforço dos que indagam o mundo dos sonhos. Quantas riqueza psíquica suscetível de conquista, se os pesquisadores conseguissem, deslocar o centro de estudo, das ocorrências fisiológicas para o campo das verdades espirituais (...). p. 207.

9 – Obras de Kardec – é de grande valia a reflexão do médium Élzio Ferreira de Souza (1936-2006):

“(…) Alguns confrades, referindo-se a um pentateuco kardequiano, constituído pelo O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, dão-lhe tal conotação que ficam a um passo da sacralização dos textos, olvidando não só a natureza da doutrina espírita, mas também a importância de outros textos de Kardec como todo o material recolhido na Revista

Espírita (AMORIM, Deolindo (espírito). Convite à Reflexão [psicografia e notas de] Élzio Ferreira de Souza. São Paulo, SP: Lachâtre, 2008. p. 52 – nota 1).

10 – Caça dos fatos – Escreve o Espírito Emmanuel no prefácio do livro Os Mensageiros:

“O Espiritismo cristão não oferece ao homem tão somente o campo de pesquisa e consulta, no qual raros estudiosos conseguem caminhar dignamente, mas muito mais que isso, revela a oficina de renovação, onde cada consciência de aprendiz deve procurar sua justa integração com a vida mais alta, pelo esforço interior, pela disciplina de si mesma, pelo auto-aperfeiçoamento (André Luiz (espírito)/ XAVIER, Francisco Cândido (médium). Os Mensageiros. 23. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990. p. 09).

Para maiores esclarecimentos sobre o assunto vejam os capítulos 11 e 12 da referida obra.

11 – Espiritismo – Kardec insiste sobre a necessidade do estudo perseverante e metódico da doutrina sem o que não se pode avaliar o valor de uma ciência, de uma doutrina, em especial a espírita “que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande” (O Livro dos Espíritos – Introdução, item VII).

Escreve Kardec no item 35 de O Livro dos Médiuns:

(...) Os que desejam tudo conhecer de uma ciência devem necessariamente ler tudo o que se ache sobre a matéria, ou, pelo menos, o que haja de principal, não se limitando a um único autor. Devem

mesmo ler o pró e o contra, as críticas como as apologias, inteirar-se dos diferentes sistemas, a fim de poderem julgar por comparação.

Por esse lado, não preconizamos, nem criticamos obra alguma, visto não quisermos de nenhum modo, influenciar a opinião que dela se possa formar. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Toca ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.

12 – ver o item 5 do cap. II de O Evangelho segundo o Espiritismo.

13 – O estudo das religiões deve fazer-se com a mente livre de dogmas e ideias preconcebidas, de outro modo ficaremos como os filósofos convertidos ao Cristianismo, buscando adequar os conceitos da filosofia aos ensinamentos cristãos e vice-versa (vide RENAN, Ernesto. A Igreja Cristã. Porto, Portugal: Lello e Irmãos Editores. Cap. V).

14 – Declara o Espírito Camilo:

“Quando parte dos despreocupados inertes do mundo se tornar ocupada nos serviços do Senhor, a Terra inteira se transformará num oásis de júbilos, onde a fraternidade e a caridade deixarão de ser expressões desconsideradas no vernáculo vazio, uma vez que, nesses tempos, a Mensagem de Jesus Cristo, visitando o cerne dos corações e ali se instalando, trará messes de renovação aos homens ajustados e comprometidos com o amor transcendente, ocupando-

se, positivamente uns com os outros, como Jesus com todos se ocupou” (Cintilação das Estrelas. Niterói, RJ: Frater, 1992. p. 34 – psicografia de José Raul Teixeira).

Fenômeno Anímico x Fenômeno Mediúnico

No campo das pesquisas espíritas temos que considerar dois tipos de fenômenos que se assemelham e, por isso mesmo, confundem muitos spiritistas não afeitos à pesquisa e que erroneamente os classificam num único tipo: o fenômeno mediúnico. Se atentassem para a história das pesquisas psíquicas compreenderiam que, sendo o ser humano um Espírito encarnado, ele possui faculdades próprias do Espírito que se manifestam em estado próprio, como o estado de "transe". As experiências de Charcot, Braid e Lombroso referentes à hipnose comprovaram que no estado hipnótico há insensibilidade nervosa e transposição dos sentidos; sobre isto, Lombroso cita a experiência que realizou com a jovem C. S., de 14 anos:

"De início, sonambulismo, durante o qual mostrava singular atividade nos labores domésticos, grande afetividade aos parentes, distinta disposição musical; mais tarde, apresentou mutação no caráter, audácia viril e imoral; mas, o fato mais estranho era que, enquanto perdia a visão dos olhos, via, com o mesmo grau de acuidade (o 7º na escala Jager), pela ponta do nariz e lóbulo esquerdo da orelha, lendo, assim, uma carta que então viera dos Correios, enquanto que

eu lhe vendara os olhos, e pôde distinguir os números de um dinamômetro.

Curiosa era depois a nova mímica com que reagia aos estímulos levados aos que chamaremos órgãos ópticos transitórios e transpostos.

Avizinhando, por exemplo, um dedo à orelha ou ao nariz, ou fazendo menção de os tocar, ou ainda melhor, fazendo com uma lente incidir um raio de luz de lâmpada, mesmo à distância e por fração de minuto, ressentia-se vivamente e irritava-se.

- Quereis cegar-me? - gritava.

Depois, com instintiva mímica inteiramente nova, tão nova quanto o fenômeno, movia o antebraço a defender o lóbulo da orelha e a extremidade do nariz, e assim permanecia por alguns minutos" (LOMBROSO, César. Hipnotismo e Mediunidade. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. p. 70-71).

Tais fenômenos levaram a estudos sérios sobre a real causa destes fatos, se tinham plausível explicação fisiológica ou eram produtos da emancipação da alma. No caso do Hipnotismo, como o paciente "está nas mãos do operador" é difícil a explicação espiritualista, a não ser quando através deste processo há a intervenção inesperada de outra "força" (Espírito) totalmente alheia à vontade do operador.

Bem compreendidos, os fenômenos anímicos são uma evidência da independência e imortalidade da alma; a clarividência, a clariaudiência, a telepatia, os sonhos premonitórios, o transe sonambúlico natural ou provocado e o desdobramento astral ou projeção

psíquica, são algumas faculdades que possuem em grau elevado determinadas criaturas, podendo em algumas tais faculdades serem desenvolvidas pelo exercício.

Allan Kardec estudou os fenômenos do magnetismo por 35 anos consecutivos e afirmou ser este uma excelente ferramenta para o estudo das potencialidades anímicas; já os fenômenos mediúnicos trazem a característica de evidenciar a sobrevivência do Ser após a morte, dando o Espírito através do médium provas de sua identidade, no caso de ser alguém conhecido ou, através da linguagem, caso seja personagem de há muito desencarnada.

Como vemos, no fenômeno anímico só há a manifestação do médium, a aparência de fenômeno mediúnico de que este se reveste confunde muitos dirigentes de reuniões mediúnicas, daí a necessidade do estudo e da pesquisa séria para que não haja confusão entre fenômenos psíquicos, tais como os sonhos premonitórios, pressentimentos e outros, com a real mediunidade ostensiva, própria de muitos médiuns que foram pesquisados no passado e, ainda hoje, raros de se encontrar. Para que tal se dê, se faz necessário agir com o rigor científico que caracterizou a obra de pesquisadores como Kardec, Denis, Delanne, Bozzano, Richet, Joseph Banks Rhine e outros. Somente com tal postura haverá de se fazer um trabalho sério e dignificante e, ao mesmo tempo, de consolo e amparo ao próximo, seja na cura das obsessões, seja pelas chamadas cartas consoladoras,

seja pela simples aplicação de um passe reconfortante. Eis aí, como disse Newton Boechat, "a sabedoria que ama e o amor que sabe".

Bozzano Responde (?)

Deixaremos aqui, para apreciação dos estudiosos as respostas que Ernesto Bozzano (Espírito) deu ao médium Leonardo Paixão, de forma espontânea, respondendo a este as perguntas que estava fazendo a si mesmo quando de um estudo pessoal de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Pergunta – A teoria da dissociação psíquica ou a da escrita automática respondem a tal fenômeno ocorrido com alguns médiuns: o de escreverem dezenas e até centenas de personalidades?

Resposta – Se há aqui uma dissociação do inconsciente ao ponto de imitar personalidades, estilos e, por vezes, assinaturas, temos de convir que então estamos diante de um fato extraordinário a nos demonstrar o inusitado poder da mente humana a buscar em mentes outras ou em uma “memória cósmica”, informações em que se torna bem mais plausível e lógica a aceitação, além de simples, o considerar a possibilidade real da comunicação de consciências extra-físicas, claramente falando, de Espíritos. Isto diminui muitas dificuldades e responde a detalhes irrespondíveis quando se trata das teorias do inconsciente ou de um “reservatório cósmico de memórias individuais”.

Pergunta – Podeis dar exemplos ou falar mais a respeito dos “detalhes irrespondíveis”?

Resposta – É preciso avaliar os graus de dificuldade que há quando os fenômenos se apresentam retumbantes.

Nos casos das mensagens dos “mortos amados”, quando elas revelam assinaturas que condizem com as que eles tiveram em “vida” e, quando a sua caligrafia era desconhecida do sensitivo e, ainda, quando tal mensagem se dá sem a presença dos parentes do “morto” e em momentos inesperados ao médium, é preciso convir que há aí graus de dificuldades para a teoria telepática e a da escrita automática, pois não temos aí os operadores a fortalecer a percepção do sujet, estarão eles em seus afazeres e, provavelmente, não estarão pensando em experiências psíquicas em tal momento.

Quanto à escrita automática proposta por Pierre Janet (1), é aqui que ela não dá definitivamente solução, pois a sua base é a de que há no complexo do ser humano uma segunda personalidade que aflora nos momentos de transe, podendo com o tempo dissociar-se em várias, mas como explicar fatos escritos por uma personalidade que já existiu e que traz detalhes que comprovam-lhe a identidade que revela, especialmente quando estes detalhes são desconhecidos também dos experimentadores?

A teoria do “reservatório cósmico”, de Von Hartmann (2) e William James (3), simplesmente cai

por terra quando encontramos médiuns a falarem em vários idiomas; refutei-os em minhas obras e permaneço com a mesma opinião: a de que um "reservatório cósmico", diante dos fenômenos de xenoglossia e da escrita dos "mortos amados" não explica o porquê das construções e erros gramaticais próprios à personalidade humana. Um "reservatório cósmico" há de ter a sabedoria do Infinito, logo, o mais fácil lhe seria corrigir as falhas e termos arcaicos expressos nas mensagens e, como disse na obra "Literatura de Além-Túmulo", o fato de o médium se expressar em língua antiquíssima, considerada morta, é forte argumento contrário ao "reservatório cósmico de memórias individuais", pois idiomas mortos já não estão no cérebro de nenhum humano contemporâneo. A hipótese espírita resolve esta questão.

Ernesto Bozzano

(Respostas psicografadas no dia 6/3/2013 pelo médium Leonardo Paixão.)

Notas do médium:

(1) Pierre Janet: Para ele, os fenômenos de automatismo respondem a uma dissociação mental, a uma atividade psíquica autônoma que não obedece ao controle da consciência. O automatismo é signo de fraqueza psíquica, podendo atingir vários níveis. A catalepsia, por exemplo, seria a forma mais elementar

de automatismo total. A escrita automática se encontra entre as atividades que podem se desenvolver no quadro de um automatismo parcial num doente mental.

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/6682/linguagem-falada#ixzz2MwsYGVVV>

(2) Eduard Von Hartmann, um dos grandes filósofos do inconsciente ao lado de Carl Gustav Carus (1789-1869) e Artur Schopenhauer (1788-1860), escreveu um livro intitulado O Espiritismo, publicado em 1885, em que procurou explicar os fenômenos mediúnicos com base no animismo. Alexander Aksakof replicou a tese em seu livro Animismo e Espiritismo (1890), que foi traduzido para o português a partir da edição francesa e editado pela Federação Espírita Brasileira. Em 1869, Hartmann publicou sua famosa obra Filosofia do Inconsciente em que descreveu três estados do inconsciente: "1) o inconsciente absoluto que constitui a substância do universo e a fonte das outras formas do inconsciente; 2) o inconsciente fisiológico, que, do mesmo modo que o inconsciente de Carus, opera na origem, desenvolvimento e evolução dos seres vivos, incluindo o homem; 3) o inconsciente relativo ou psicológico, que jaz na origem de nossa vida mental consciente" (H.F. Ellenberger – El Descubrimiento Del Inconsciente, p.247).

Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns, ainda que não se utilizasse do termo animismo, reportou-se aos casos dos indivíduos capazes de produzir fenômenos de efeitos físicos ou intelectuais sem a intervenção de

Espíritos – n. 74, XX e n. 163 (pessoas elétricas, torpedos humanos); n. 172 a 174 (sonâmbulos). Além de dedicar todo o capítulo XIX ao estudo da influência anímica do médium nas comunicações – “Do papel dos médiuns nas comunicações espíritas” (vide, sobretudo, o n. 223, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª questões), ao estudar a influência moral do médium (cap. XX), referiu-se, no item n. 230, às intervenções anímicas deste nas comunicações espirituais. Além disso, Kardec já recolhia ali o ensino dos Espíritos sobre a existência de visões que eram simples efeitos da imaginação, constituindo-se em verdadeiras alucinações sem base espiritual (n. 113). O mesmo sobre alucinações sonoras (n. 115). E na Revista Espírita de maio de 1865, transcreveu uma mensagem do Espírito Georges, sob o título – “Estudo sobre a mediunidade”, em que é feita a diferença entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e os que agem apenas sob o impulso do fluido corporal, fazendo, em seguida, considerações a respeito (p.149-150).

Antônio J. Freire (Ciência e Espiritismo, p. 155) lembrou que , já nos primórdios do Espiritismo, observadores e experimentadores, como Andrew Jackson Davis, em 1855, Metzger e outros, entre os quais o célebre médium intuitivo americano Hudson Tuttle, salientaram a origem humana de muitas mensagens.

Hudson Tuttle, um dos pioneiros da mediunidade e da literatura espírita nos Estados Unidos, em seu livro *Mediumship and Its Laws*, chamava, inclusive, a

atenção sobre a participação anímica do médium na comunicação mediúnica; segundo as observações feitas, a comunicação obtida por cada médium tem um tom ou cor própria de cada um deles, como se fosse proveniente do seu cérebro ou de um único controle (p.44). “Quanto mais perfeitamente o caráter do médium concordar com o do Espírito, mais perfeitas serão as comunicações transmitidas. A eliminação da influência do médium exigiria o mais atento cuidado” (p.45).

Por sua vez, Léon Denis (No Invisível, p.88-89), advertiu que a união de forças e vontades dos assistentes podia “ser suficiente para provocar efeitos físicos e mesmo fenômenos intelectuais, que vão logo sendo atribuídos à intervenção de personalidades invisíveis”, sendo medida de prudência e de bom aviso “só admitir, por conseguinte, essa intervenção, quando estabelecida por fatos rigorosos”. Vide ainda p. 93-94. (SOUZA, Elzio Ferreira de/ AMORIM, Deolindo (Espírito). Espiritismo em Movimento; psicografia e notas de Elzio Ferreira de Souza. Salvador, BA, CIRCULUS, 1999).

(3) William James (1842-1910), concebeu a teoria da “Consciência Cósmica” que se diferencia da de Hartmann por considerá-la não o Absoluto (Deus), mas o “reservatório cósmico de memórias individuais”, como está claro na resposta de Bozzano. Apesar disto, James, ao pesquisar fenômenos religiosos, diz que “a telepatia e a real comunicação de um Espírito podem explicar estas experiências religiosas”. Pesquisou por

anos a médium Leonore Piper, considerada um fenômeno psicográfico em seu tempo.

Os Espíritas e a Consciência Crítica

(Publicado no Jornal Eletrônico O Rebate)

Há uma avalanche de obras mediúnicas sendo editadas atualmente e é espantosa a velocidade com que vem a público, deixando perplexos aqueles que, ao entender Kardec e outros pesquisadores dos fenômenos psíquicos, sabem do cuidado que se deve ter ao se colocar uma obra para o público em geral. O público estará preparado para discernir o joio do trigo? Está alicerçado em obras que o tempo consagrou, a fim de avaliar devidamente a nova literatura mediúnica que explode no mercado editorial brasileiro? Os médiuns, por sua vez, têm seguido o exemplo da prudência que teve Yvonne Pereira ao guardar suas produções mediúnicas durante décadas a fim de serem avaliadas com rigor?

Certo é que em Espiritismo não há nenhum Índice Prohibitorum e, por isso mesmo, é que o direito da pesquisa e da crítica justa, a auxiliarem os neófitos, são atos que merecem louvor, porém, o que se vê são espíritos e médiuns a esquivar-se de tal, numa atitude incoerente diante de uma Doutrina que prima pela razão, não a razão fria somente, mas aquela que nos conduzirá a um nível elevado de consciência.

Para um estudo criterioso do Espiritismo, necessário é o conhecimento, além das obras da Codificação, das que nos legaram outros pesquisadores. Não diremos que se haverá de conhecer todas as obras e todos os autores, mas é preciso um esforço para a leitura de muitas destas obras que dão desenvolvimento à obra kardequiana. São eles (os pesquisadores):

Adolfo Bezerra de Menezes; Albert de Rochas; Alexandre Aksakof; Alfred Erny; Arthur Conan Doyle; Cairbar Schutel; Camille Flammarion; Canuto Abreu; Carlos Bernardo Loureiro; Carlos Imbassahy; César Lombroso; Deolindo Amorim; Epes Sargent; Ernesto Bozzano; Frederic Myers; Gabriel Delanne; Gustave Geley; H. Dennis Bradley; Hermínio Miranda; Ian Stevenson; Inácio Ferreira; J. Arthur Findlay; Jayme Cerviño; Johan Karl F. Zöllner; Justinus Kerner; Léon Denis; Oliver Lodge; Osvaldo Melo; Paul Gibier; Robert Owen; Willian Crookes; Willian Crawford; José Herculano Pires.

Estes são alguns nomes; há muitos outros. Quanto às obras mediúnicas recomendamos as de Zilda Gama, Francisco Cândido Xavier, Yvonne Pereira, João Nunes Maia, Júlio Cezar Grandi Ribeiro, Eurícles Formiga, Divaldo Franco e Raul Teixeira. A extensão de suas obras nos dão décadas de estudo e meditação. Claro que há médiuns outros na atualidade realizando belo trabalho, mas estes sempre nos dizem da necessidade do estudo das obras básicas e subsidiárias.

Poderão argumentar alguns desavisados que tais obras estão ultrapassadas, que são necessárias novas pesquisas, ao que responderemos que as dúvidas em relação aos fenômenos espíritos e anímicos, se encontram respondidas em tais obras e que, em relação às pesquisas, elas são necessárias, desde que feitas sem prevenção e por pessoas honestas, sejam estas adeptas ou não do Espiritismo, o que vale no campo científico ao se avaliar a temática da sobrevivência do Ser é a sinceridade.

Engana-se quem acha que basta somente a literatura mediúnica para comprovar a imortalidade da alma. E mais, com a materialização que a recente literatura mediúnica tem dado ao Mundo Espiritual, ao invés de favorecer a dúvida e a ânsia por pesquisa, ela estimula a que se pense que os espíritos são um bando de alienados a se deliciar com tolas fantasias do Além.

Nunca é demais a recomendação de Allan Kardec para tudo se analisar com a mais fria razão e, como aconselha o Espírito Erasto: "é melhor rejeitar dez verdades a aceitar uma só falsidade, uma só teoria errônea" (O Livro dos Médiuns, item 230).

Fim